J IM GONDIM

(Da Brasileira de Auctores Theatraes)

ATRAVÉS DO AMAZONAS

(Impressões de viagens realisadas em 1921)

TYP. DO "CÁ E LÁ"
MANÁOS
1922

as - AmM

Arches lib
T-000918

SCE
T- 9214

JOAQUIM GONDIM

(Da Sociedade Brasileira de Auctores Theatraes)

ATRAVÉS DO AMAZONAS

(Impressões de viagens realisadas em 1921)

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS
DOAÇÃO
feita por D. Angelo Dorso
Em 8/10/1945

MANÁOS
1922

AMM
918.112
G636a

ATRAVÉS DO AMAZONAS (IMPRESSÕES DE VIAGENS REALISADAS EM 1921)

GONDIM, JOAQUIM

Am M
G636 918.112
TOMBO: 020356

BIBLIOTECA PUBLICA DO AMAZONAS
Reg. a fls. 153 do Catálogo-Inventário,
sob o N.º 575
N.º de Classificação:
Em 3/8/1947

Ao Ex.mo e Revd.mo D. João Irineu Joffily, dignissimo bispo do Amazonas,

testemunho de veneração e respeito.

Aos meus paes, á minha esposa,
aos meus filhos e aos meus irmãos,

prova de affecto e carinho

Aos meus dignos amigos Coronel Guerreiro Antony, Dr. Vicente Torres da Silva Reis, Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, Coronel Leopoldo de Mattos, Dr. Mario do Rego Monteiro, Dr. Sebastião Barroso Nunes, Dr. Bernardino de Paiva, Commendador Antonio Duarte de Mattos Areosa, Napoleão Normando, Dr. Antonio Luiz Drummond da Costa, Dr. Aprigio Martins de Menezes, Dr. Adriano Jorge, Xisto Vieira Filho, Dr. Vivaldo de Palma Lima e Coronel João Martins de Araujo,—dedico esta pagina como um testemunho de alta consideração.

BREVE EXPLICAÇÃO

Com a publicação deste livro não pretendo obter encomios nem fazer jus á menor conquista no scenario da vida intellectual.

O meu unico objectivo é prestar uma pequena contribuição á historia contemporanea, descrevendo, sem as lapidações do atticismo, as impressões de tudo o que observei através do estuario de alguns desses rios caudalosos que formam a nossa grandeza fluvial.

Devo, entretanto, confessar que, nessas excursões, não tive o prazer de percorrer a immensa calha do rio Amazonas, e foi este o motivo que me privou de retratar as bellezas e os encantos naturaes de municipios importantes como Itacoatiara e Parintins, que se constituiram, nos tempos aureos, verdadeiros factores do nosso progresso material e financeiro, ha dez annos entravado pela crise tenebrosa que assoberba os centros commerciaes e productores.

Não me foi possivel tambem visitar todas as localidades dos rios percorridos, resultando desse mal o silencio imposto ao meu livro sobre as maravilhas de outros municipios, notadamente o de Porto Velho, que é, incontestavelmente, o centro de maior movimento do interior do Estado.

Trata-se, pois, de um trabalho incompleto e fraco demais para corresponder á espectativa do publico ledor. Mas, assim mesmo, não deixo de invocar para elle a indulgencia das almas generosas, com a affirmação sincera de que o escrevi animado pelo intuito de uma recompensa que me possa favorecer no emprehendimento de novas viagens aos pontos não percorridos, offerecendo-me, destarte, o ensejo de completar as minhas impressões.

Eis ahi a ligeira explicação que me cabia dar ao espirito magnanimo do publico amazonense.

Joaquim Gondim d'Albuquerque Lins.

RIO BRANCO

O abandono da região. — Aspectos naturaes do alto e do baixo rio. — Caracarahy e Bôa Vista. — A producção bovina e a estrada de rodagem de Manáos a Bôa Vista. — A fazenda nacional « São Marcos ». — O serviço de transporte fluvial e a linha de navegação mantida pela inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios. — O contrabando nas fronteiras. — O posto indigena do alto rio Surumú. — A riqueza do sob-solo. — Origem das fazendas nacionaes.

I

Não escapou ao espirito previdente de um antigo explorador a revelação de que havia no territorio do Amazonas, relegado ao abandono, um paraiso immenso de riquezas naturaes.

A sombra dessa verdade reflectia sobre o Rio Branco, como que para despertar a alma de um povo inerte que ainda permanecia nas trevas da indifferença, completamente alheio áquelle maravilhoso colosso, que tanto fascina os olhos dos nossos visinhos da Venezuela e da Guyana Ingleza.

Nesse tempo, o Brazil delirava na febre da expansão colonial. Em todas as suas provincias do sul e do nordeste fazia-se sentir o sopro da iniciativa e do trabalho desbravando a floresta virgem, cultivando o solo e explorando todos os ramos da industria nacional.

No emtanto, como sempre acontece com os centros productivos do Amazonas, o Rio Branco permanecia em estado de adynamia. A sua opulencia não chegara a attrahir o elemento nacional, sabendo-se apenas que, em principios do seculo XVIII, fôra fundada, nas cabeceiras do rio Pirarara, affluente do Mahú, uma aldeia de indios brazileiros, administrada pelo carmelita frei José dos Santos Innocentes, que levantara no local uma capella e concentrara alguns selvicolas disseminados pelos campos adjacentes, ensinando-lhes os primeiros rudimentos da cultura agricola.

Outros povoados surgiram depois, mas tão insignificantes e desherdados da protecção official, que tiveram a mesma duração das rosas de Malherbe.

A propria aldeia de Pirarara desapparecera, a despeito das tentativas de colonização dos selvicolas, que, por varias vezes, tiveram de repellir grupos invasores de hespanhóes e inglezes, que tentaram apoderar-se das suas terras.

Foi este o resultado que tiveram os primeiros surtos de

colonização no Rio Branco e, ainda hoje, em pleno regimen republicano, a região sente os effeitos do esquecimento official. Afóra o desenvolvimento da pecuaria, nada mais se nota alli que os impulsos de uma colonização retardataria, em cujo plano figuram apenas a fazenda nacional «São Marcos» e o posto indigena do Surumú. As proprias fazendas particulares, possuidoras de grandes rebanhos bovinos, não apresentam um unico edificio recommendavel, tampouco vaqueiros ou aggregados em numero capaz de satisfazer as exigencias do serviço.

E' lamentavel essa falta de povoamento, tanto mais quando é sabido que, naquella opulenta região, o homem encontra margem para a sua prosperidade, em todos os ramos do serviço rural.

Quem percorre o baixo rio, através de soutos verdejantes, sente a desoladora impressão de um exilio, divagando a vista, horas e horas, sem lobrigar a sombra de uma pequena habitação. As margens permanecem ao abandono, a despeito das suas magnificas terras firmes e das suas arvores preciosas, que constituiriam verdadeira fonte de riqueza se fossem aproveitadas na intensificação da cultura agricola e na exploração da industria de oleos vegetaes.

Mas a lavoura é uma coisa quasi desconhecida no baixo rio. Com excepção das propriedades *São Francisco*, de Herminio Benicio de Souza; *Santa Maria*, de Silvino Cruz; *Vista Alegre*, de Norzagaray e Companhia, e *São Felippe*, de Elias Gonçalves, as demais não apresentam nenhum incremento agricola, sendo fóra de duvida que os seus proprietarios importam cereaes para o consumo particular.

Attribuir esse descaso á esterilidade do solo seria commetter uma grave injustiça, porque a experiencia já demonstrou, de modo palpavel, que as terras do Rio Branco são apropriadas á cultura agricola, produzindo o feijão, a mandioca, o milho, o arroz, o café, o tabaco e outros generos de consumo.

Dizem os proprietarios locaes que o mal deriva das difficuldades de transporte, que tornam a região quasi insulada, notadamente no rigorismo da vasante, em que é diminuto o numero de embarcações que fazem a etapa de Manáos ao alto rio, observando que o pequeno agricultor não encontraria alli nenhuma vantagem na lavoura, porque, além da demora, no embarque de seus productos, teria de sujeitar-se a fretes onerosos que poriam os generos, nos centros consumidores, por preços exaggerados.

D'ahi a causa do despreso que os habitantes votam á agricultura, empregando-se, de preferencia, no serviço de extracção da balata e da castanha e na exploração da industria do tabaco,

acontecendo que, terminada a safra desses productos, alguns descem para Manáos com o fim de desfructar as suas parcas economias e outros ficam nas propriedades preoccupados em trabalhos de pouca importancia.

II

E' bello e magestoso o vasto estuario do Rio Branco. Na epocha da cheia que, de ordinario, começa em maio e se prolonga até agosto, as aguas abrangem toda a largura da arteria fluvial, polvilhada de ilhas e ilhotas, alagando as margens nos pontos em que o terreno declina, na sua accidentada extensão. Mas, com a vasante, essa enorme caudal desapparece, convertendo-se em pequeno volume d'agua colleante, a perlongar as praias alvadias, ou, melhor, os immensos taboleiros de tartarugas.

No emtanto, o Rio Branco é o mais poderoso manancial do Rio Negro, desaguando na margem esquerda deste rio, acima da villa de Moura, em frente á povoação de Carvoeiro.

A sua extensão é de seiscentos e seis kilometros, a partir da fóz até o ponto fronteiro ao forte São Joaquim. Ahi, na configuração de um angulo, traçado pela natureza, o rio recebe pela margem esquerda o Takutú e se prolonga pela margem direita com o nome de Uraricuera, bifurcando-se mais acima com os nomes de Maracá e Santa Rosa, sendo esta a via fluvial que se estende até a cordilheira conhecida por Paracaima, na fronteira do Brazil com a Venezuela. O rio Takutú, considerado o affluente mais importante do Rio Branco, recebe no seu leito, além de outros, os tributarios Surumú, Cotingo e Mahú, notando-se que é por esta arteria fluvial que se chega até as cordilheiras da zona banhada pelo rio Rupununy, na fronteira com a Guyana Ingleza.

Entre os affluentes que cortam o baixo Rio Branco, pela margem direita, contam-se o Niviny e o Caratirimani. São duas arterias abandonadas, que deviam merecer a indulgencia de uma viagem de observação, attendendo-se á versão corrente de que, nas suas margens, á grande distancia, existem grandes balataes e seringaes que os primitivos habitantes não souberam explorar.

O Niviny é um rio de grande curso, cujo lençól apresenta o mesmo negror do Rio Negro, ao passo que o Caratirimani tem a mesma côr das aguas do Rio Branco.

Os tributarios do alto Rio Branco descrevem o seu curso através de cordilheiras e campinas que se perdem á vista do espectador, sabendo-se que alguns desses valles abrem vias de communicação com os rios Jauapery e Uatumã.

Esse aspecto é bem diverso do do baixo rio, em virtude

da exhuberancia da flora. Ahi as aguas correm entre margens rendilhadas de arvores gigantescas, de todos os matizes, numa polychromia que extasia pelo seu encanto. Os paineis são de uma belleza selvatica admiravel, que fazem recordar castellos mysteriosos, vendo-se a cada momento esbeltas columnas formadas pelas trepadeiras que se eriçam nos galhos dos vegetaes altaneiros.

III

O abandono de uma região se reflecte claramente no estado deploravel das suas localidades.

Não foi outro o conceito que imaginei, quando, transposto o estuario do baixo rio, saltei, pela primeira vez, em Caracarahy.

O panorama deste logarejo infundiu-me no espirito a mais profunda tristeza, tanto mais quando eu via alli o ponto principal em que se faz o penoso embarque do gado, destinado a Manáos, e o baldeamento de cargas e passageiros para as lanchas-motores que, no periodo da vasante, trafegam pela zona encachoeirada, fazendo escala pelos portos do alto rio.

Caracarahy demora numa especie de planalto, á margem direita do rio, e conta algumas barracas de taipa e adôbe, alem de uma capella levantada sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, por promessa do negociante Bernardino José dos Santos, alli estabelecido. E' um logarejo triste e decadente, mas de grande proveito para o minguado commercio local que aufere grandes lucros nos seus negocios.

Vem a proposito um caso que merece explicação para conhecimento dos que ignoram a vida commercial do Rio Branco. Imagine-se que, de Caracarahy para Manáos, a navegação é livre e as mercadorias são alli importadas por preços modicos, pagando os importadores metade do frete taxado para as mercadorias que se destinam a Bôa Vista, de igual procedencia. Pois bem, em Caracarahy os generos são vendidos por preços superiores aos de Bôa Vista e os negociantes impõem como exigencia indispensavel o pagamento á vista.

Como exemplo passo a demonstrar, em alguns generos, a desproporção de preços: em Caracarahy o paneiro de farinha é vendido a 15$000; o kilo de assucar a 3$000; o kilo de café a 2$500; o maço de cigarro, a 1$000; em Bôa Vista o paneiro de farinha é vendido a 10$000; o kilo de assucar a 1$500 e 2$000; o kilo de café a 2$000 e o maço de cigarro a $600.

D'ahi uma differença enorme e prejudicial aos pobres trabalhadores que, a muito custo, mantêm as suas familias naquelle logarejo. No emtanto, os commerciantes de Bôa Vista, apezar

de sujeitos aos elevados fretes, não exploram a bolsa do comprador e vendem, muitas vezes, as suas mercadorias a credito, dada a falta de moeda circulante em toda a região do Rio Branco.

Acima de Caracarahy, no alto rio, o espirito do observador sente uma sensação indizivel, com o desdobramento de novos scenarios, e começa então a vêr as primeiras cordilheiras, que, na plenitude do seu azul, parecem embeber-se no azul do céo mudo e impassivel. Uma das maiores e a mais bella de todas é a *Serra Grande,* que fica á margem esquerda do rio, deixando rolar pelo seu leito colleantes fios dagua crystallina e bellas catadupas que se despenham, com as chuvas, do cimo altaneiro, formando um labyrintho original e simulando miragens de um encanto surprehendente. Ao sopé dessa serra, que fica a oitocentos metros acima do nivel do mar, demoram o edificio principal, a capella e varias barracas da prelazia de Rio Branco, a cargo da ordem de São Bento. Esse logarejo tende a progredir, dado o desvelo e a dedicação com que os missionarios, aproveitando o concurso braçal de habitantes pobres, que alli vivem, procuram intensificar a lavoura com o aproveitamento das terras situadas na aba da cordilheira e fertilisadas pelas aguas do rio.

IV

Não foi muito agradavel a impressão que recebi em Bôa Vista — a séde do municipio do Rio Branco. De longe o seu panorama suggestiona, dada a magnifica posição topographica em que se encontra; mas, de perto, essa belleza desapparece como uma miragem, vendo-se as ruas largas com pequenas casas, que ficam distantes umas das outras, e o solo esburacado, em alguns trechos, a difficultar, á noite, o transito dos habitantes.

Situada á margem direita do rio, numa posição dominante, a villa apresenta apenas cento e treze casas, sendo algumas de alvenaria, cobertas de telhas de barro ou de zinco, outras, de adôbe e outras ainda de taipa, notando-se mesmo nos principaes edificios a completa ausencia do gosto architectonico. A casa particular de melhor aspecto é a do major Terencio Antonio de Lima e o edificio publico mais importante é o da Intendencia Municipal, iniciado na administração communal do dr. Rocha Leal e ainda não concluido.

Conta Bôa Vista ainda a igreja Matriz, que estava em concertos, e a de São Sebastião, em construcção, bem como os cemiterios de São Sebastião e de Nossa Senhora do Carmo, estando este fechado, em completo abandono.

Se a inexistencia de illuminação na villa é uma coisa desoladora, não menos lamentavel é a falta de um edificio para a reclusão dos criminosos. Estes andam impunemente nos logares em que praticam a acção delictuosa, certos de que, sem cadeia e sem recursos para effectuar as diligencias nas zonas encachoeiradas do alto rio, as autoridades policiaes não têm outro remedio senão cruzar os braços.

Dá-se, com essa anomalia, o facto de ficarem quasi sempre de quarentena os processos preparados pelas autoridades judiciarias, que, embora sem resultado, não se cançam de promover a punição dos culpados.

Outro testemunho do atrazo de Bôa Vista é a falta de um mercado publico, que, se fosse construido, contribuiria para o beneficio da população, attrahindo á villa os productos agricolas que, em pequena escala, são cultivados pelos indios e fazendeiros do alto rio, e pouparia aos marchantes o sacrificio de venderem carne verde em miseras taperas.

Felizmente a instrucção vae tomando incremento na villa, com o funccionamento de duas escolas, sendo uma do sexo feminino, custeada pela municipalidade, e outra, mixta, mantida pelo Estado.

Não é grande o movimento commercial e industrial da localidade, mas está de accordo com as necessidades da população, que é de seiscentas e vinte e uma almas, segundo o ultimo recenseamento. Bôa Vista conta quatorze mercearias, um botequim, uma pharmacia, duas officinas de ferreiro, uma carpintaria e funilaria, uma barbearia e o importante estabelecimento *Canto da Fortuna*, do sr. João Secundino Lopes, que explora, conjunctamente, o commercio de fazendas, miudezas e estivas, além da industria da panificação e do fabrico de sabão, servindo-se, no preparo de seus productos, de machinismos especiaes. O seu estabelecimento, o unico que possue bombeamento d'agua, acha-se provido de installação electrica.

V

No alto rio, como já disse, o scenario é bem differente do panorama que se alonga desde a sua fóz até o esquecido povoado de Caracarahy.

A vegetação perde o seu viço e o encanto dos aspectos variados, abrindo claros através das margens, em cujo plano avultam pequenas arvores rasteiras debruçadas á beira do rio.

Mas é ahi mesmo que a natureza faz deslumbrar a pomposidade dos seus caprichos de rainha do universo. Por traz dessas fileiras de arvores, um mundo phantastico se abre, na

poesia miraculosa dos campos immensos, onde nada mais se vê que o tapete verde da gramma do solo e as barras azues das cordilheiras distantes simulando franjas de anil a bordar a gaze diaphana do infinito.

E' nesses campos ou lavrados naturaes que o gado das fazendas, disseminado em grupos isolados, encontra a sua constante alimentação, servindo-lhes de bebedoiro as pequenas lagôas e igarapés que recortam, de vez em quando, entre fileiras de buritizaes, o dorso das planicies magestosas.

No amago desses campos tem-se a impressão de um verdadeiro mar terrestre. A amplitude toma a configuração de um circulo descommunal, em cujo centro o viajante segue argutamente a sua rota, tomando por bussola o azul das cordilheiras, pois, de outro modo, ficará perdido como um fragil batel á mercê das ondas procellosas.

A experiencia tem demonstrado que a forragem desses campos pouco influe na nutrição do gado creoulo e é nociva aos animaes de pura raça. Em «São Marcos» prepararam-se pequenos campos artificiaes, com o plantio de sementes forrageiras de outros typos e, por esse meio, conseguiu-se recobrar o vigor de algumas rezes das raças *Caracú* e *Hersford* que estavam prestes a succumbir, no mais deploravel estado de depauperamento.

Foi uma experiencia feliz, cujo resultado resolve perfeitamente o problema da alimentação bovina do Rio Branco.

Pena é que o gado da região, sentindo o refrigerio constante dos ventos das serras, que amenisam o calor excessivo, no periodo da estiagem, soffra continuamente o ataque das onças vorazes e traiçoeiras, que infestam os lavrados, devorando de preferencia as pequenas rezes, isto é, as crias.

Os vaqueiros das fazendas, quasi todos indios da tribu macuxy não se cançam de combater os inimigos do gado, laçando-os e estrangulando-os no campo como se isto fosse um divertimento de *sport*.

VI

A principal fonte de riqueza do Rio Branco é, incontestavelmente, a pecuaria.

O seu desenvolvimento não chegou, entretanto, a um periodo de franca prosperidade e isto se justifica com as difficuldades do transporte, que, sendo feito por via fluvial, não só impede a sahida do gado, em grande escala, como traz onerosos fretes e tributações, desanimando, desta arte, os fazendeiros.

Por outro lado afasta a iniciativa do serviço de xarqueadas,

não permittindo que os interessados explorem essa fonte de receita nem a industria do queijo ou do leite condensado.

Vem d'ahi a necessidade imprescindivel da construcção de uma estrada de ferro que, partindo de Manáos, ponha essa cidade em communicação directa com os campos do alto Rio Branco.

Esse problema importante tem sido objecto de repetidos reclamos, mas nunca mereceu a indulgencia dos que deviam dar a elle uma prompta solução.

Os estudos de abalisados profissionaes e os planos de execução da grande obra, esboçados por pessôas conhecedoras da região, nada mais foram que cogitações relegadas ao abandono.

E' bem verdade que, em 1893, em virtude de contracto firmado com o governo do Estado, João Baptista Gonçalves Bastos iniciou os trabalhos de exploração de uma estrada de Manáos a Bôa Vista do Rio Branco, mas, por fallecimento do contractante, os serviços ficaram interrompidos, resultando disso a rescisão do contracto. O governo abriu nova concorrencia, sendo acceita uma proposta de Sebastião Diniz, que, no mesmo anno, reencetou os trabalhos, com uma commissão technica, concluindo a exploração de muitos kilometros, sem poder, todavia, proseguir na sua obra, em virtude dos obstaculos que surgiram posteriormente.

A ultima tentativa foi aventurada pelo governo federal, na administração do dr. Epitacio Pessôa, que confiou ao engenheiro capitão Agnello Souza a abertura de uma estrada de rodagem de Manáos a Bôa Vista, com o fim de empregar no serviço muitos infelizes que soffriam as inclemencias da fome, dando-lhe uma pequena verba para o custeio dos primeiros trabalhos, na esperança de reforçal-a com a precisa brevidade.

Os serviços foram iniciados com desvelo, conseguindo o capitão Agnello, na medida das suas possibilidades economicas, ultimar a abertura de alguns kilometros da estrada, no prolongamento que parte das immediações da colonia Campos Salles.

Mas, da minguada verba, foi applicada uma parte na fundação de um nucleo colonial em Caldeirão, no rio Solimões, aliás de grande proveito porque beneficiou o logar e nelle localizou muitos necessitados, de modo que, sentindo-se depois sem recursos, o infatigavel engenheiro teve de suspender os serviços da estrada e do proprio nucleo, retirando-se para a capital do paiz.

Corre, entretanto, que já obteve do governo federal um reforço para o proseguimento da sua missão e, se isto não passa de uma fabula, é bem possivel que a estrada, merecendo

tambem o auxilio do governo futuro, seja levada a effeito no decurso de alguns annos, para gaudio do Amazonas, que não pode deixar de sentir o insulamento de uma das suas mais ricas regiões.

E' bem de vêr que a estrada de rodagem não resolve, com efficiencia, o problema de intensificação da pecuaria no Rio Branco, mas, na impossibilidade de se poder estender a rêde ferro-viaria, com a falta de numerario, ella se torna indispensavel e capaz de attenuar o serviço de transporte do gado entre Bôa Vista e Manáos, apezar da enorme distancia entre esses dois centros, tambem contribuindo para a colonisação daquella abandonada região. Ao mesmo tempo facilitará a conducção do gado do alto rio até Caracarahy, podendo o transporte, desse logarejo até Manáos, ser feito por via fluvial, uma vez que a navegação não está sujeita aos perigos da zona encachoeirada.

E' grande o numero de fazendas particulares existentes no alto Rio Branco, destacando-se, nesse conjuncto, as seguintes: no rio Uraricuera—*Truarú* e *Alagadiço*, de J. G. Araujo; *Fazenda Nova* e *Nova Fazenda*, do coronel Bento Brazil; *Cajual*, de José de Souza; *Terçado*, de Victor Motta; *Sant'Anna*, de Homéro Cruz; *Bocca do Amajary*, dos herdeiros de Emiliano Lopes Magalhães; *Apparecida*, de Jacob Bamberg; *Irupe-irupe*, de d. Simphorosa Campos; *Cruzeiro*, dos herdeiros de Delphim José de Souza; *Santa Barbara*, de Francisco Vasconcellos; *Iracema*, de Severino de Hollanda Bessa; no Amajary—*Viçosa*, de Antonio Dias de Souza Cruz; *Araçá*, de Domingos Coelho; *São Miguel*, de Joaquim Ambrosio de Mattos; *Canta-gallo*, dos herdeiros de José Francisco da Silva Junior; *São Jorge*, de Domingos Gonzaga Rodrigues Braga; *Santa Izabel*, de Francisco Guilherme Tavares; *Realeza*, de Alfredo Jaricuna de Souza Cruz; *Desterro*, do dr. José de Mattos Grangeiro; *Desillusão*, de d. Francisca Montenegro Peixoto; *Aracaty*, de Euclydes José de Souza; no Parimé—*São Sebastião*, de J. G. Araujo; *Typographia*, de Adolpho Brazil; *Tarame*, do coronel Bento Brazil; *Soledade*, de Jayme Brazil; no Surumú—*Florianopolis*, de Indalicio Farias; no Tacutú—*São Luiz*, do tenente Luiz de França Carvalho; *Porre*, de Generaldo Collaço Veras; *Paraiso*, de Luiz Gomes Freire de Quadros; *Maravilha*, de Manoel Accioly Vieira Cavalcante; *Igarapé Grande*, de Accacio Ferreira do Valle; *Conceição do Mahú*, do dr. João Augusto Zany; *Eva*, de Henrique Bockley; na serra da Lúa— *Malacacheta*, de Sizenando Diniz de Lima; *Arraia*, de João Diniz; *Nova Cintra*, de Manoel Pereira Pinto; *Tucunaré*, de J. G. Araujo; *Urubú*, de Francisco Marques; *Waterloo*, de Ampolino Alves Pereira; no rio Cauamé—*Capim*, de Terencio Antonio de Lima; *São Salvador*, de J. G. Araujo;

Titiarre, de Bento Brazil; *Favella*, de José Thomaz do Nascimento; no Mahú — *Casa Branca*, de d. Candida Menezes de Lima; *Aramirá*, de Gabriel Pereira e *Condado*, de Zozimo de Alencar Macedo.

VII

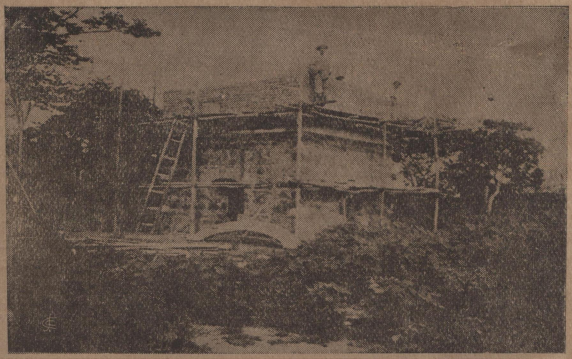
O proprio mais importante do Rio Branco é a fazenda nacional «São Marcos», cuja séde fica á margem esquerda do rio Uraricuera, num plano dominante que suggestiona pelo seu aspecto natural.

Quando o seu ultimo arrendatario a entregou á União, ella possuia apenas 3.500 rezes. Os seus grandes rebanhos haviam desapparecido.

Actualmente, com a administração da inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios, vae tomando notavel incremento, pois apresenta mais de 8.000 cabeças de gado vaccum, inclusivé os seguintes animaes de raça: 3 touros caracús, 3 zebús e 1 Hersford, 4 vaccas caracús e 1 zebú, 3 novilhas zebús, 20 garrotes zebús, 2 garrotas zebús e 1 caracú, 3 bezerros caracús, 5 zebús e 2 Hersford, 3 bezerras Hersford, 2 zebús e 1 caracú.

Fazenda Nacional São Marcos
Grupo de alumnos, vendo-se nas extremidades as professoras de lettras e de prendas

Possúe ainda pequenos rebanhos de gado cavallar, bovino e suino, notadamente. alguns porcos da aça *doroc-jersey;* 1 jumento andaluz e aves gallinaceas.



Fazenda Nacional São Marcos—O Reservatorio d'agua canalisada

A contagem do gado na fazenda e nos seus retiros *Xiquiba, Milho* e *Xiriry* foi iniciada em outubro de 1920 pelo dr. José de Paiva Magalhães Calvet, funccionario do ministerio da agricultura, e reiniciada em dezembro do mesmo anno pelo administrador Cicero Corrêa de Mello, que espera terminal-a este anno.

Quem salta em São Marcos fica maravilhado com o seu progresso material, vendo logo á frente, através de uma bem capinada faixa de terra, os fundamentos de uma futura villa. Os indios vivem alli na mais perfeita harmonia, abrigados nas muitas barracas que se estendem á margem do rio. Alguns desses selvicolas, casados, moram separadamente, e as menores indias vivem em confortavel casa, entregues aos cuidados domesticos da familia de d. Thereza Vianna, que lhes proporciona o melhor tratamento e o mais carinhoso desvelo.

Ao lado da casa de d. Thereza estão a Escola Indigena e o barracão central, séde da administração da fazenda, onde se acham localizados a secretaria e o archivo com todos os moveis e utensilios indispensaveis. O proprio mede quatro metros de frente por treze de fundos, sendo de taipa, caiado e coberto de zinco.

O ensino profissional ia tomando alli regular incremento, com o funccionamento de pequenas officinas de ferreiro, funileiro, carpinteiro e corrieiro. Em todas ellas os indios recebiam a educação profissional, auxiliando os seus mestres no preparo de obras concernentes aos respectivos officios. Vi alli trabalhos admiraveis, que se rivalisam com quaesquer obras preparadas em officinas congeneres das grandes capitaes.

Conta ainda a fazenda uma aula de musica, a cargo do tenente Manoel Felix do Nascimento, e a Escola Indigena regida pela professora normalista senhorinha Ada Vianna, que tem como adjuncta a senhorinha Rosalia Cabral. Este estabelecimento de educação, que muito nobilita o Serviço de Protecção aos Indios, tem uma matricula de trinta e sete alumnos menores, alguns da tribu macuxy e outros da tribu jaricuna, sendo a sua frequencia média de vinte e nove alumnos.

Assisti a uma aula, na escola, ficando admirado do aproveitamento dos menores e do desembaraço com que respondiam á arguição de varias materias, notadamente analyse grammatical, arithmetica, geographia e historia do Brazil.

A inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios, reconhecendo a tendencia dos indios para o serviço militar, resolveu

Fazenda Nacional São Marcos — Aspecto do retiro Xiquiba

iniciar alli a respectiva instrucção. E' assim que os indios fazem exercicios de infantaria e aprendem toques de corneta, ás quin-

tas e domingos, sendo a instrucção proporcionada pelo tenente Cicero Mello e um seu auxiliar. O entoamento dos hymnos nacional e da bandeira são para elles um dever e, por isso, não

Fazenda Nacional São Marcos — Vista do retiro Páo Rainha

deixam a aula, á hora do almoço, sem cantar essas canções patrioticas que tanto falam do sentimento nacional.

O mais importante melhoramento, ultimamente introduzido na fazenda, é o serviço de canalisação de agua, accionado por uma bomba a vapor, que fornece o liquido ás casas situadas na séde, tendo sido construido, para esse fim, um reservatorio solido e de grande capacidade cubica, talvez a obra mais preciosa de toda a região rio-branquense. Outro serviço de vulto foi o levantamento de um grande cercado para o gado, na extensão de 12.380 metros, partindo da margem do rio Uraricuera até o Tacutú. Além destes, contam-se o preparo de uma caiçara no porto de embarque do gado e a construcção de tanques de cimento para cortume e estabulos de madeira para os animaes de raça.

Em todos os retiros tambem foram realisadas importantes bemfeitorias, inclusivé o levantamento de curraes para o tratamento e selecção do gado.

Presentemente cogita o administrador de fundar alli uma olaria, com o fim de desenvolver a industria da ceramica, aproveitando em trabalhos de utilidade e de arte as preciosas argillas de variegadas côres, de que é fertil a região.

Não menos digna de registro é a iniciativa da cultura agricola na fazenda, constatada no preparo de pequenas roças e de uma excellente horta. Nos retiros e nas malocas isoladas de indios, que se estendem desde as proximidades da séde de «São Marcos» até o alto Surumú, vi plantações de cereaes em pequena escala, como um estimulo ao desenvolvimento da agricultura, aliás impossivel no momento actual, porque, para o custeio do pessoal, do material e demais exigencias da fazenda, a inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios conta apenas com a ridicula verba de cincoenta contos de réis, annual.

VIII

E' deficiente o serviço de transporte fluvial na região do Rio Branco, em virtude dos obstaculos que apresentam as zonas encachoeiradas desse rio e de seus affluentes.

O trecho mais perigoso é o que começa acima de Caracarahy, dividido em tres secções conhecidas vulgarmente pelas denominações de *Rabo da cachoeira*, *Germano* e *Bemquerer*.

Nesta ultima ha tres pancadas d'agua, das quaes a mais perigosa é a *pancada grande*, constituida por um labyrintho de pedra que se estende de modo ligeiramente obliquo, attingindo a cinco palmos a queda das suas catadupas, na epocha da maior vasante.

O *Rabo da cachoeira* é dotado de canaes de livre transito, mas infelicitado por corredeiras impetuosas, que difficultam, de algum modo, a passagem das embarcações.

E' devéras notavel a velocidade com que as aguas descem na zona encachoeirada, notadamente nos trechos *pancada grande* e *pancada pequena*, da cachoeira *Bemquerer*, onde ha corredeiras perigosas que não podem ser transpostas sem o emprego da sirga.

Além dessas tres secções, ha duas conhecidas por *Cotovello* e *Cachoeirinha*. O *Cotovello* nada mais é que uma pequena passagem, na qual a embarcação desce com grande velocidade, quasi que estreitada entre duas linhas sinuosas de pedra, que, na configuração de um S, se estendem em sentido parallelo. A secção *Cachoeirinha* não offerece o menor obstaculo, porquanto é dotada de canaes accessiveis ao livre transito das embarcações.

No rigorismo do inverno a navegação é relativamente franca, porque as aguas enchem o furo do Cujubim, que contorna a zona encachoeirada, dando passagem ás lanchas por essa via providencial, que apresenta apenas um obstaculo: a corredeira conhecida por *Pedra do Cujubim*, cuja força hydraulica

supplanta a energia das machinas da embarcação, exigindo o reforço da sirga.

A unica linha regular de navegação, no Rio Branco, era mantida pela inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios, que, nesse mister, empregara as lanchas *Amazonina*, *Felippe Camarão* e *Guajaratuba*. A primeira embarcação, sahindo de Manáos a dez de cada mez, fazia a etapa inicial até a ilha do Jarú, que fica pouco acima de Caracarahy, procedendo-se ahi á baldeação da carga e dos passageiros para a lancha *Felippe Camarão*, que fazia o transporte até a pedra de baixo da cachoeira *Bemquerer*. Desse ponto, através de um varadoiro, situado na margem do rio, procedia-se ao transporte da carga e passageiros para bordo da *Guajaratuba*, que estacionava na pedra de cima da mesma cachoeira *Bemquerer*, fazendo essa lancha a ultima etapa da viagem com escala até a fazenda nacional «São Marcos».

Esse penoso systema de navegação era adoptado, apenas, no longo periodo da vasante, porisso que, na pequena epoca da cheia, que vae no maximo de junho a agosto, a *Amazonina* fazia toda a linha de Manáos a «São Marcos», aproveitando a passagem pelo furo do Cujubim.

Com a manutenção dessa linha de navegação, a inspectoria prestou relevantes beneficios áquella região, não só facilitando o transporte de cargas e passageiros, em todos os portos de escala, como evitando o insulamento daquella fazenda nacional, pois é sabido que as embarcações particulares, pertencentes á firmas exploradoras do commercio de carnes verdes, só mantinham a linha de Manáos até Bôa Vista, acontecendo que outras só chegavam até Caracarahy.

Accresce que essas embarcações, destinadas especialmente ao transporte de gado bovino, não faziam escala nos portos intermediarios do baixo rio, deixando assim de satisfazer as exigencias dos habitantes ribeirinhos.

Como subvenção á linha da inspectoria, a Assembléa Legislativa do Estado votou uma lei concedendo-lhe o auxilio annual de vinte contos de réis, mas, desse auxilio, nunca lhe foi dado a menor quantia, de modo que, sem recursos e sujeita a prejuizos consideraveis, a inspectoria viu-se forçada a suspender o serviço de navegação.

IX

Uma coisa que devéras contrista e causa surpresa a quem, pela primeira vez, visita o Rio Branco, é o completo abandono das suas fronteiras com a Venezuela e a Guyana Ingleza.

O governo federal lembrou-se de conservar um destacamento do exercito no municipio, mas acontece que essa força se acha acantonada na villa de Bôa Vista, á grande distancia das fronteiras, e completamente alheia ao que por alli se passa.

E' lamentavel semelhante descaso, sabendo-se que os nossos visinhos da Guyana Ingleza já estenderam uma estrada de ferro na fronteira, á pequena distancia de Demerara, partindo da margem direita do rio Rupununy e contornando a serra de Coano-Coano, até a margem direita do rio Takutú, na confluencia com o rio Mahú, d'ahi tomando direcção para outros pontos desconhecidos.

Não precisamos de entrar em detalhes sobre o objectivo dessa estrada. Contentemo-nos em observar que Demerara é a séde de um syndicato estrangeiro, que explora a industria pastoril, desfalcando grandemente os nossos rebanhos com a compra de rezes, em grande escala, notadamente os animaes aptos a procreação.

Nessas transacções, é claro, os nossos visinhos não deixam nenhum onus para os cofres nacionaes, dada a falta de um posto fiscal na fronteira, que, se fosse creado, cobraria por cabeça o imposto de dez ou vinte mil réis, proporcionando-nos assim uma bôa renda e evitando os repetidos contrabandos.

Esse posto, bem como o quartel para o serviço de vigilancia na fronteira, poderia ser localizado em Cajú, á margem esquerda do rio Takutú, talvez o ponto estrategico mais importante, porque fica á pequena distancia da Guyana Ingleza.

Outra medida necessaria é a manutenção de um destacamento na fronteira com a Venezuela, de modo a evitar a invasão dos aventureiros estrangeiros que costumam explorar os nossos balataes, derrubando as arvores preciosas, na extracção do lactex, e não raramente provocando conflictos com os elementos nacionaes que se entregam ao mesmo ramo de industria, atirados ao insulamento daquella região.

Não se póde comprehender o progresso do Rio Branco sem essas providencias de grande relevancia que se impõem como principaes factores da sua defeza economica e militar.

X

A iniciativa colonial não deixa de constituir, em uma região abandonada, a base mais importante do progresso nascente.

Parece-me que foi escudado nesse objectivo que a inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios lançou as suas vistas para o alto rio Surumú, fundando alli, no logar conhecido por *Limão*, um posto de localização e protecção aos selvicolas.

Esse estabelecimento indigena occupa uma esplendida area de terra, em cujo vertice, na configuração de um semi-circulo, se cruzam os rios Surumú e Cotingo.

Quando visitei o novo posto, então confiado á administração do encarregado Jacaúna Maia, possuia elle um pequeno barracão, á margem do rio, habitado, de um lado, pelo tuchaua Ildefonso, que tinha em sua companhia a respectiva familia e algumas indias solteiras e, do outro, pelos empregados da Inspectoria dos Indios que para alli foram enviados com o fim de levantar habitações e preparar o terreno para os serviços de cultura agricola. Nas cercanias desse barracão encontrei tambem algumas barracas habitadas por indios das tribus macuxy e jaricuna, vivendo todos sob o amparo do posto, que lhes fornecia roupas, generos alimenticios, remedios e instrumentos de lavoura.

Posto do Surumu'. O hasteamento da Bandeira em frente á Escola

O posto foi depois confiado á direcção do sr. Ernesto Evangelista Pereira Pinto, auxiliar da Inspectoria dos Indios, que, com os maiores sacrificios, dadas as difficuldades de transporte naquella região, conseguiu levantar mais algumas barracas e ultimar a construcção de um proprio, que, situado quasi á beira do rio Surumú, agora serve de séde definitiva do nucleo, achando-se nelle domiciliado o respectivo encarregado e seus auxiliares.

Na gestão do sr. Ernesto Pinto foi iniciado o plantio de algodão e cereaes em areas preparadas para esse fim, bem como levantado um grande curral para selecção do gado vaccum, ten-

Posto do Surumu' — Alumnos da Escola em estudos de aradagem

do a inspectoria enviado varias rezes para o novo posto, com o fim de aproveitar a actividade dos indios no desenvolvimento da pecuaria.

Outro emprehendimento importante, realisado nesse posto, foi a fundação de uma escola primaria, a cargo do professor Octavio de Castro Mendonça, que, mantendo alli a sua familia, cuidava com desvelo da educação dos indios, ensinando-lhes as primeiras lettras e fazendo prelecções historicas sobre as datas nacionaes, de modo que elles, inspirados nessas licções de moralidade e civismo, podessem contribuir para o engradecimento da Patria.

Com a escassez de recursos, que abalou grandemente o equilibrio da sua receita, viu-se a inspectoria forçada a dispensar o professor e a suspender as aulas dessa escola, não ficando os indios sujeitos ao analphabetismo, porque o encarregado Ernesto Pinto, nas horas vagas, lhes ministra a necessaria instrucção, bem como exercicios praticos de aradagem.

A acção do encarregado do posto tambem se estende a um aldeiamento indigena da serra do *Contan*, que fica a certa distancia do *Limão*, n'um dos logares mais pittorescos daquella remota região. Esse aldeiamento consta de varias barracas, ha-

bitadas por indios macuxys, residindo em uma d'ellas o tuchaua Domingos, que, com o auxilio da inspectoria, tem feito alli grandes plantações de cereaes e aproveitado a actividade dos indios na fabricação de assucar, farinha e outros productos industriaes.

Do posto do Surumú até «São Marcos», na distancia de quinze leguas, estendem-se, isoladamente, outras malocas de indios que vivem sob a protecção daquella inspectoria, occupando-se todos no cultivo de pequenas roças.

XI

E' incalculavel a riqueza que jaz no valle do Rio Branco. O seu sub-solo é um immenso escrinio onde se encontram minerios preciosos, sendo fóra de duvida que, em alguns pontos, os indicios de minas apparecem á flor da terra.

A zona que se estende nas proximidades de Venezuela, fertilizada pelos rios Mahú e Surumú, é um thesoiro onde abundam o oiro de alluvião, o manganez, o diamante, o talco e o esmeril de varias côres.

A Serra do Crystal é um repositorio de crystaes finissimos, de côres branca, azul e rubra, rolando em torno das suas abas o quasi esquecido rio Chumina, em cujo leito jazem pedras preciosas, notadamente o diamante e a agua marinha.

O rio Amajary possue turmalinas e amiantho, encontrando-tambem este minerio nas margens do affluente Cauamé.

Outros pontos dotados de riquezas naturaes são o alto rio Carangueijo, donde já foram extrahidas varias pedras preciosas; as terras adjacentes da Guyana Ingleza que possuem a mica e o sal mineral; as serras do Sapan e Maturuca onde alguns aventureiros exploram o oiro de alluvião.

Dizem os filhos da região que, na fazenda *Recreio*, constatou-se a existencia de uma grande mina de carvão, que se estende através do rio Cauamé em direcção á serra do Murupuzinho, alcançando talvez as terras da fazenda *Nova Olinda*.

E' voz geral que a região possue ferro em abundancia, na proporção de 60%, encontrando-se tambem alli, nas serras e nas margens dos rios, minas de malacacheta, esmeralda, cal, beotite e antimonio.

E' diminuto o numero de aventureiros que, na região do Rio Branco, exilados nas serras ou nas vertentes dos rios mais distantes, exploram a riqueza mineral, tendo-se, porém, em conta que essas explorações, sujeitas aos maiores obstaculos, por falta de instrumentos especiaes, dão um resultado pouco compensador.

Quando de viagem pelo rio Surumú, estive com um dos exploradores, o sr. Severino Pereira, que obsequiou-me com alguns especimens de oiro alluvião, mica e diamante. Do sr. Lafayette Pinheiro tambem recebi um broche feito de minerios da região riobranquense, constante de uma bella pepita de oiro ataviada por uma pequena pedra de diamante, tendo eu offerecido esse presente ao meu illustre amigo dr. Sebastião Barroso Nunes, que o levou para a capital do paiz.

XII

A investigação historica encontraria margem para um trabalho valioso se rebuscasse a origem das fazendas nacionaes no Rio Branco.

Ninguem ainda vulgarisou a epoca da sua fundação, sabendo-se apenas, através de documentos seculares, que ellas já estavam sob o dominio do governo da metropole portugueza, quando o Amazonas, levantado das sombras, sentia os impulsos da iniciativa colonial.

Uma das versões mais antigas, referente á origem dessas fazendas, diz que ellas pertenceram primitivamente a tres aventureiros portuguezes de nomes Marcos, Bento e José. Esses bandeirantes transportaram para aquella região algumas rezes e fundaram os tres nucleos pastoris, dando a elles os seus respectivos nomes. Com a morte desses fundadores, que eram irmãos e não deixaram herdeiros conhecidos, as fazendas passaram ao dominio do governo da metropole portugueza, que, desde então, tratou de zelar pelo seu desenvolvimento.

Outra versão diz que foi o proprio governo da metropole portugueza que, tendo sciencia da utilidade dos campos do Rio Branco, mandou fundar as tres fazendas, com o fim de incrementar a criação bovina, enviando uma commissão de profissionaes, acompanhada de uma regular partida de gado.

A fazenda «São Marcos» limita-se ao norte com o terreno neutro que termina na cordilheira de Paracaima e com o rio Surumú; ao sul, com os rios Branco e Takutú, que ahi fazem confluencia; a leste, com os rios Takutú e Surumú; a oeste, com os rios Urarieura e Parimé.

A fazenda «São Bento» limitava-se ao norte com o rio Uraricuera; ao sul com o rio Cauamé; a leste, com o rio Branco; a oeste, com os rios Uraricuera e Maracá e com o territorio da Republica da Venezuela.

A fazenda «São José» limitava-se ao norte com o rio Takutú; ao sul, com o igarapé do Surrão, com a fazenda particular «São Pedro» e terras devolutas; a leste, com o rio Takutú

Aspecto da séde da fazenda nacional "São Marcos", situada á margem do rio Uraricuera.

e com terras que se estendem ao Estado do Pará; a oeste, com o rio Branco.

A administração desses proprios era feita antigamente pelo ministerio da fazenda, que os teve ora arrendados, ora sob administração. Um dos ultimos arrendatarios foi o commendador Antonio José Gomes Pereira Bastos, que firmou contracto em 14 de outubro de 1878, passando a administrar as fazendas até 1888, quando, terminado o prazo do contracto, se considerara possuidor de um grande rebanho, deixando á União apenas 3.478 cabeças de gado vaccum e 630 ditas de gado cavallar.

Assumindo a direcção das fazendas nacionaes, na qualidade de cessionario do ex-arrendatario, conforme termo que assignara na antiga Thesouraria de Fazenda no Amazonas, em 20 de setembro do mesmo anno, Sebastião Diniz, que era um espirito intelligente e atilado, soube tirar do contracto feito com o governo as vantagens que o seu interesse commercial visava; e, assim, propoz ao commendador Pereira Bastos a compra do gado que elle adquirira durante o periodo arrendatario.

Realisada esta operação, procurou illudir o cumprimento da clausula primeira do termo que assignara na referida Thesouraria de Fazenda, pela qual se obrigara a fazer entrega do gado pertencente ao governo até 31 de dezembro do mesmo anno, separando-o do que adquirira por compra de Pereira Bastos, ficando este na fazenda «São Bento», que havia tomado por arrendamento, com o compromisso de desoccupal-a no prazo de anno e meio, e aquelle em «São Marcos».

Entretanto, assim não o fez, requerendo ao governador de então autorisação para continuar na posse da dita fazenda, havendo a isso acquiescido o chefe do Estado, «ad-referendum» do ministro da fazenda, que, com o seu silencio, deu logar a que o acto se consummasse em detrimento dos interesses da Fazenda Nacional, pois o referido arrendatario, aproveitando-se dessa concessão, e protelando a desoccupação do proprio, foi encontrando nessa demora uma bella opportunidade para ir ferrando, como de sua propriedade, as rezes pertencentes á União.

Não satisfeito, Diniz, homem experiente e arguto, apossou-se de uma grande area de terras da fazenda «São Marcos», perto do retiro «Milho», mascarando esta usurpação com a denominação de «Flechal», que deu a esta parte da fazenda nacional, dizendo que se tratava de terras devolutas.

Concentrando ahi certo numero de rezes, teve a idéa de mandar assignalal-as com o seu ferro, em 1905. O caso despertou a attenção do alferes Arthur Americo Cantalice, commandante do forte «São Joaquim», que, acompanhado de praças do exercito, compareceu ao local mencionado e prohibiu o trabalho

de ferra e retirada do gado, sob o fundamento de que pertencia á União.

Depois da morte de Sebastião Diniz, a mãe do fallecido, d. Anna Diniz, constituiu seu advogado o dr. Heraclito Pinheiro, que, perante o juiz federal da secção do Estado, intentou uma acção de força nova espoliativa contra a fazenda nacional «São Marcos», valendo-se para isso de um mappa gracioso, que, após o inicio da acção, fora organisado, muito de industria, sem designação do logar «Flechal» e do igarapé «Milho».

Esquecera-se assim de que, contra a cilada, havia a prova palpavel de um mappa do conde Ermano Stradelli, que figurara na terceira Memoria apresentada ao rei da Italia, pelo ministro plenipotenciorio dr. Joaquim Nabuco, para solução da nossa questão de limites com a Guyana Ingleza, trabalho que evidencia de modo insosphimavel que a data «Flechal» faz parte integrante da fazenda nacional «São Marcos».

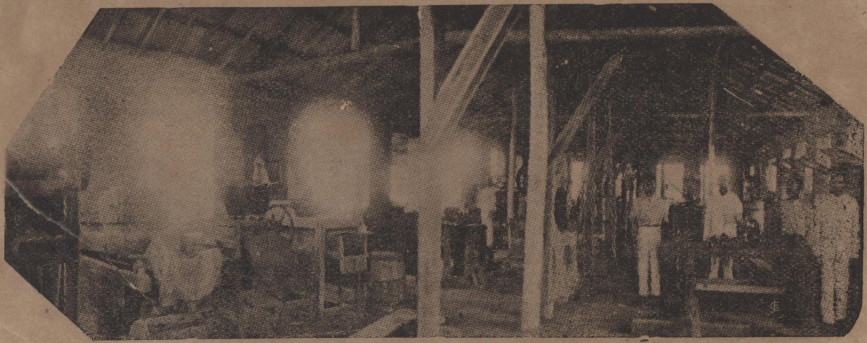
No emtanto, o representante da União pouca ou nenhuma importancia ligou ao feito, de modo que, em 1906, o juiz federal sentenciou os autos, mandando immitir d. Anna Diniz na posse do logar «Flechal» e condemnando a União a pagar-lhe os rendimentos e as perdas e damnos.

Subindo o feito, em gráo de appellação, ao Supremo Tribunal Federal, este deu em parte provimento á appellação para condemnar a União tão somente á restituição do gado com as perdas e damnos que se liquidassem na execução, ficando-lhe salvo o direito de usar das acções que, no caso, coubessem para rehaver a posse ou a indemnisação desse gado.

Ficara assim o caso pendente de solução, de modo que, sendo depois as fazendas do Rio Branco entregues em 1905 ao ministerio da agricultura e por este confiadas á administração do Serviço de Protecção aos Indios neste Estado, o respectivo inspector desta repartição, dr. Bento Martins Pereira de Lemos, não hesitou em defender, com extrema abnegação e reconhecida competencia, os interesses da União, redigindo e enviando em 1918, ao ministro procurador geral da Republica, um luminoso memorial provando os direitos da União sobre o logar «Flechal» á luz de documentos da provincia do Amazonas, da Junta de Fazenda e da actual Delegacia Fiscal.

No emtanto, a questão ainda não foi soluccionada, permanecendo esquecida no Supremo Tribunal Federal.

Apraz-me observar que o extincto delegado fiscal João Hermogenes de Oliveira Amaral, ao contrario dos seus antecessores, muito contribuiu para o acautelamento dos direitos da União. E' assim que, antes da acção movida pela mãe de Sebastião Diniz, promoveu um processo administrativo na Delegacia



Aspecto interno das officinas da fazenda nacional "São Marcos"

Fiscal, sobre a occupação das terras das fazendas nacionaes e, despachando-o em sessão da junta de fazenda, reconheceu como de legitima propriedade do goverdo federal todo o gado existente na fazenda «São Marcos», inclusivé o que em »Flechal» e nos seus retiros estava sendo indevidamente marcado com o ferro de Sebastião Diniz ou qualquer outro de uso particular, tambem marcando o prazo de seis mezes para a retirada de todo o gado que Diniz possuia na fazenda «São Bento».

O mal, entretanto, era chronico, de modo que esta e outras providencias não passaram de simples palliativo. Radicou-se então a febre da usurpação e, a exemplo de Sebastião Diniz, outros intrusos invadiram e occuparam as terras das fazendas nacionaes «São Bento» e «São José», dividindo-as em areas que foram convertidas numa infinidade de fazendas particulares.

Alguns desses intrusos, allegando que as terras eram devolutas, requereram e obtiveram de varios governadores, nos ultimos quatriennios, a expedição de titulos definitivos de propriedade, como se o patrimonio nacional não fosse um direito sagrado.

Assim, desappareceram do dominio da União aquelles dois proprios nacionaes.

E' bem verdade que, contra semelhante esbulho, se insurgiu ainda o dr. Bento Lemos, zeloso inspector do Serviço de Protecção aos Indios, não só protestando perante o governador Bacellar e outros contra a concessão de terras do patrimonio nacional no Rio Branco, como publicando editaes no «Diario Official», deste Estado, nos quaes prohibia a estadia ou collocação de gados de particulares nas fazendas nacionaes, marcando aos respectivos possuidores o prazo de noventa dias para a retirada das rezes que se encontrassem em pastagem nas alludidas fazendas.

Mas tudo foi inutil. O brado de defesa do abnegado inspector foi como os rumores de uma onda, amortecidos pela distancia, não logrando, infelizmente, o menor resultado.

Ainda assim, teve elle um outro gesto em beneficio da fazenda nacional, lembrando em relatorio enviado á directoria geral do Serviço de Protecção aos Indios, em 1917, a conveniencia de serem dadas em emphyteuse as terras das fazendas «São Bento» e «São José», mediante um fôro modico que proporcionava vantagens ao pequeno criador e difficultava a instituição dos latifundios.

Com essa medida, visava o inspector «não só dar á União uma renda sufficiente para a creação de tres colonias indigenas destinadas ás tribus *Macuxy*, *Uapichana* e *Jaricuna*, como

concorrer para o incremento da lavoura naquella região, onde já existe um crescido numero de habitantes receiosos da perda de suas culturas, por não existir nenhum direito que lhes assegure o seu dominio util.

Além disso, traria como consequencia a delimitação das immensas extensões de terrenos em mãos de pessôas que não as podem aproveitar totalmente, e garantiria o pequeno criador contra as violencias e o arbitrio».

RIO PURÚS

Aspectos naturaes da região. — A cheia do rio e as necessidades dos habitantes. — As difficuldades do transporte fluvial e o commercio ambulante. — Os tributarios do Purús e o posto indigena do Tuhiny. — A villa de Canutama e a cidade da Labrea. — As maravilhas da flora e o posto indigena do Seruhiny.

I

O scenario amazonico é, incontestavelmente, um mundo de sensações que contrastam na duplicidade dos seus aspectos, vislumbrando de um lado a poesia da natureza e, do outro, o descortino de quadros impressionantes em que o homem se nos apresenta como agente principal, luctando contra as asperezas da sorte.

Na minha recente viagem ao Purús fui testemunha ocular dessa verdade. O rio havia transbordado com a cheia, ultrapassando os limites da sua largura e envolvendo, na sua enorme caudal, os barracões e as pequenas habitações, que, como pontos isolados, se estendem pelas margens.

Fiquei devéras surpreso com o espectaculo, vendo que os moradores dessas casas, conformados com a sua penosa situação, alli permaneciam abrigados em giráos de paxiúba que eram elevados quasi á altura do tecto e além deste, á medida que o volume d'agua tomava as suas proporções gigantescas.

As criancinhas, supportando os rigores do frio, dormiam incautamente sobre aquelle abysmo fluvial, onde, á noite, nada mais se ouvia que o marulho inquieto dos repiquetes e os vagos rumores dos insectos, nos seus queixumes mysteriosos, lembrando, na phrase do cantor das «Primaveras», essas vozes secundarias que se perdem no conjuncto de uma grande orchestra.

Quem conhece o interior do Estado, póde muito bem dar uma idéa da situação dessa pobre gente, no periodo das alagações: as roças são devastadas pelas aguas, e o peixe e a tartaruga, principaes alimentos, desapparecem furtivamente do rio, buscando os lagos ou os igarapés mais distantes.

Os mais prevenidos habitantes soffrem pouco as inclemencias da resaca, porque, provendo-se de castanha no final da safra e creando aves gallinaceas, que, com a cheia, são accommo-

dadas em marombas fluctuantes, se servem desses recursos alimenticios nos momentos de calamidade publica. Mas, os desprevenidos ou os desherdados da sorte experimentam as mais duras provações, contentando-se, apenas, em viver dos parcos alimentos que, a titulo de credito, lhes cede o negociante ambulante de qualquer embarcação que raramente passa pelo porto.

E' claro que esses lances afflictivos só se manifestam com intensidade nos pontos ribeirinhos. Nos centros a condição differe, sensivelmente, porque o homem encontra os productos de sua roça não attingida pela resaca e enfia-se pelos lagos piscosos á procura do peixe.

Todavia, irrompem, com as enxurradas, os resfriamentos e as febres de máo caracter, e todos soffrem as inclemencias dos males, com a vida em perigo por falta de remedios e assistencia medica.

No baixo rio pude aquilatar do gráo de miseria dos habitantes, penetrando em barracas onde muitas pessôas não appareciam, envergonhadas do seu estado de nudez. Muitas moças pobres uzam saias de estopa e, as que não possuem esse vestuario ridiculo e attestador da miseria, cingem parte do corpo com o proprio cobertor que lhes serve durante o somno.

No periodo da vasante, o Purús se transforma num verdadeiro paraiso terrestre. As aguas baixam, estreitando o rio calmo, com as suas margens polvilhadas por uma vegetação pouco fechada mas luxuriante, de vez em quando avistando-se bellos especimens de vegetaes, como a samahumeira gigantea, com os seus casulos brancos, pendentes dos galhos, ou o páo d'arco altaneiro, com as suas flôres amarellas, simulando uma chuva de perolas de oiro que cahisse no meio da solidão. A palmeira mais abundante é o jauary, que tem uma altura respeitavel e se ergue erecta como um ponto de exclamação, com o seu tronco crivado de espinhos, tendo no alto os preciosos leques de palha que os indios aproveitam na fabricação de chapéos finissimos, quasi semelhantes aos do typo «Panamá».

Logo que as margens do rio ficam a descoberto, o aspecto se torna alegre e encantador, e tem-se a impressão de um mundo phantastico. Começa, então, a actividade dos moradores ribeirinhos, que, aproveitando o verão, plantam sementes de milho, feijão, arroz e outros cereaes, nas immensas praias fertilisadas pelo rio, tirando bôas colheitas na safra para o seu consumo particular, porque, se fossem exportal-os para a nossa capital, não tirariam nenhum resultado, dadas as difficuldades do transporte fluvial e os direitos de conducção ou frete, que poriam os generos, em Manáos, por preços superiores aos da sua cotação.

Durante o verão, sobretudo nos mezes de setembro a dezembro, os habitantes tambem se occupam da pesca de peixes e tartarugas, apanhando estas nos remansos ou nos taboleiros immensos que perlongam a orla sinuosa do rio. Não ha muito chegavam a recorrer aos violentos processos de batição das tartarugas, com o fim de auferir grandes lucros, na venda, mas o capitão de fragata Alves de Souza, capitão do porto deste Estado, poz em vigor medidas repressivas e fiscalizadoras que acabaram semelhante expediente, evitando assim os estragos e o desapparecimento dessa fonte de recursos alimenticios, que, agora, proporcionalmente, vae satisfazendo as necessidades de consumo dos habitantes.

No percurso da foz do Purús até a decadente villa de Canutama, pude relacionar os nomes das seguintes propriedades: «Redempção», de Manoel Martins; «Novo Oriente», de José Dibby; «Morada Nova», de Gomes e companhia; «Antuerpia», situada na bocca do lago do Berury, de Amadeu Martins; «Castanha-miry», «Surara», «Ypiranga», «Paricatuba» (mais acima fica a bocca do lago Ayapuá) de d. Felicidade Mello, que mantem, nas suas propriedades, muitas familias e centenas de trabalhadores pobres; «Arumã», do coronel Alberto Coelho; «Tapurú», de Joaquim Ezequiel; «Terra Vermelha», de d. Felicidade Mello; «Supiá», de João Costa; «Itaboca», de Francisco Soares Monteiro; «Santo Eustachio», de David Queiroz; «Elba», de Raymundo Roberto; «São João do Tambaquy», «Tambaquy», «Bôa Vista do Tambaquy» e «Pupunhas», do coronel Alberto Coelho»; «Tauámiry», de Alipio Macedo; «Laranjal», de José Augusto Macedo; «Abufary», do coronel Luiz Antonio de Queiroz; «Novo Capricho» e «Santa Rita» (onde entra, pela margem direita, o paraná do Ipixuna), de José Bezerra; «Caivota», de J. A. Leite e companhia; «Baturité», de Manoel Antonio Bezerra; «Recreio de São Domingos», de Gabriel Rodrigues Chaves; «Parú», de Francisco Pinheiro; «Jatuarana», de Osmidio Alves de Oliveira; «Porto Arthur» (onde entra o deshabitado e mysterioso rio Jacaré), de João Francisco Tavares; «Ariman» e «Novo Ariman», dos herdeiros de Cyrino José da Silva Pereira; «Nova Fé», de Manoel Loureiro; «Paxiúba», da viuva Cordeiro; «Jaçanahú», de José Bezerra; «São Carlos» e «Jaburú», de Raymundo Roberto; «Nova Olinda», de Francisco Bezerra; «Paripy», dos herdeiros de Francisco Demetrio de Oliveira; «Floresta», de Manoel Dias Barboza; «Penha da Tapauá», dos herdeiros de Manoel Moreira Mendes; «Tapauá» (onde entra o rio Tapauá), de Raymundo Gomes e companhia; «Ilha do Tapauá», dos herdeiros de Manoel Dias; «São João do Tapauá», de Francisco Vianna Filho; «Porto Alegre», de José Amancio; «Saudade» e «Itapirú», da viuva de José

de Senna; «Bocca do Caratiá», de João Chaves; «Caratiá», do coronel Theodoro Botinelly; «Nova Accão», do major Severino; «Nazareth», de João Menezes; «Nova Experiencia», de Porphirio de Oliveira; «Salvação», do major José Simões; «Espirito-Santo», da viuva de João Cardoso; «Jamanduá» e «Jamanduazinho», do coronel Americo Pantoja; «Repouso», de Carlos Lamego.

Com a desvalorisação da borracha, algumas dessas propriedades ficaram completamente despresadas dos seus donos, por falta de braços para o trabalho.

II

A intensificação do serviço de transporte fluvial é uma das mais justas exigencias dos habitantes do rio Purús.

A região, em grande parte, permanece sujeita ao insulamento, pois que bem raras são as embarcações, a vapor, que trafegam pelos rios Seruhiny, Tuhiny, Mucuim, Jacaré, Tapauá e outros affluentes productores de borracha e castanha. Os proprietarios domiciliados nesses rios se vêm na dura contingencia de transportar os seus productos em batelões até a margem do Purús, onde se procede ao baldeamento de carga para as embarcações de grande ou pequeno calado, que por alli passam, gastando-se muitos dias nessa penosa conducção.

A «Amazon River» é a unica empreza que mantém, no Purús, uma linha regular de navegação, fazendo as suas embarcações, actualmente, apenas uma viagem por mez.

No rigorismo da cheia, os navios trafegam até a bocca do Acre, fazendo escala em todos os portos e beneficiando a muitos proprietarios ribeirinhos, que, vendendo os seus «*stocks*» de lenha para o consumo das embarcações, tiram desse, negocio, um resultado compensador.

A lenha desses portos é cortada pelos trabalhadores, á razão de vinte mil réis, por milheiro, sendo vendida pelos proprietarios a quarenta mil réis.

Constitúe uma fonte de receita que, de algum modo, tem attenuado a miseria nos seringaes, evitando a completa deserção dos roceiros e extractores da gomma elastica.

No periodo da vasante, os grandes navios da «Amazon River» não chegam até Hyutanahan. Param pouco abaixo desse logar, que é um povoado em formação, onde aquella empreza possue bellos «*chalets*» e as officinas destinadas ao reparo de suas embarcações.

Estacionando esses navios no ponto em que é permittida a navegação, ahi se procede ao baldeamento da carga para as chatas, que fazem a linha regular ao alto rio, sem encontrar difficuldades na viagem, devido ao seu pequeno calado.

Outras embarcações trafegam pelo alto rio, em viagens irregulares, recebendo productos á consignação e fazendo o commercio ambulante com a venda de mercadorias a dinheiro ou em troca de borracha e castanha. Entre essas embarcações, transformadas em bazares fluctuantes, contam se as lanchas «*Rio Jordão*», de Manoel José Soares; «*Palmira*», de Antonio de Castro Amorim; «*Branquita*», de Joaquim Rodrigues e «*Campinas*», de Antoliano Cambezes. Fazem tambem a linha do Purús, a lancha *Eline*, do coronel Joaquim Carneiro da Motta e os vapores «*Ayapuá*», de J. A. Leite e companhia: «*Alegria*», de B. Levy e companhia e «*Cidade de Teffé*», de Francisco Lopes.

Na venda de mercadorias os negociantes ambulantes cobram de vinte a cincoenta por cento sobre o preço da nossa praça, acontecendo que muitos cedem a credito os seus generos.

A villa de Canutama é talvez o unico porto em que as embarcações particulares não fazem o commercio ambulante, resultando disso um grande mal para os seus habitantes, que nem sempre encontram generos de primeira necessidade nos poucos estabelecimentos da localidade.

A causa deriva de uma lei da municipalidade, creando o imposto annual de quinhentos mil réis sobre o commercio ambulante. Os proprietarios de embarcações, não podendo sujeitar-se a essa onerosa tributação, deixam de vender mercadorias aos habitantes e ás proprias casas commerciaes da villa, deixando aquella pobre gente na mais triste e dolorosa situação.

Os principaes productos de exportação do Purús são a borracha e a castanha, começando a safra deste genero em outubro e terminando em maio. Os mais abastados exportadores de castanha são o major Jacob Gadelha e d. Felicidade Mello, mantendo esta no serviço uma infinidade de trabalhadores, que alli moram com suas familias.

A safra da borracha, abrangendo os mezes de julho a janeiro, ficou reduzida a um terço com a depreciação do producto. E' grande o desanimo nos seringaes, sobretudo nos do alto rio, mas, assim mesmo, os proprietarios continuam firmes no seu posto, attenuando milagrosamente a situação, na esperança de que o oiro negro ainda virá a compensar os esforços perdidos no decurso de tantos annos de sacrificios.

Muitos seringueiros entregam-se actualmente ao plantio de cereaes, com autorização dos patrões, trocando os seus productos agricolas por mercadorias que os negociantes de regatão vendem nos portos dos seringaes. Outros, illudindo a vigilancia dos patrões, vendem pélles de borracha, fabricadas durante a safra, fazendo esse negocio illicito nos pontos isolados dos serin-

gaes, onde os regatões dão os signaes convencionaes, com a sua desafinada buzina. Os syrios são os principaes agentes desse commercio que muito tem contribuido para a ruina dos proprietarios de seringaes.

Entre os seringaes que se estendem desde a villa de Canutama até a cidade da Labrea, pude relacionar os de nomes: «Alliança» e «Triumpho», do coronel Theodoro Botinelly; «Forte de Veneza» e «Nova Colonia», de Raymundo Gomes e companhia; «Novo Ariá», de J. A. Leite e companhia; «Santo Antonio do Apituan», de José Epiphanio; «Axioma», de José Ribeiro; «Paraiso», de Jacob Gadelha; «Sant'Anna», de Manoel Bezerra Sant'Anna; «Santa Cora», de José Simões; «Santa Maria», de José Epiphanio; «Carmo», de Manoel Machado; «Santa Barbara» e «Assahituba», do coronel Theodoro Botinelly; «São Francisco de Assis», de Leonidas Cruz; «Santa Cruz do Passeá» e «Bello Horizonte».

III

Como todos os grandes rios do Amazonas, o Purús conta uma infinidade de affluentes que alimentam a sua bacia fluvial.

Um dos mais importantes é o Ituxy, que desemboca pouco acima da Labrea, banhando, no seu curso, uma immensa faixa de terra onde ha vegetaes preciosos. Os seringaes desse tributario pertencem ao coronel Luiz da Silva Gomes, chefe da firma Gomes e companhia, que mantem no transporte de seus productos, para a nossa praça, o rebocador «Acimã» e ouras embarcações de pequeno calado.

Outro affluente é o rio Pauhiny, que entra pela margem esquerda do Purús, discorrendo enorme curso e offerecendo vias de communicação para o departamento federal do Tarauacá. Na fóz desse affluente, á margem esquerda do Purús, demora o seringal «Canta-Gallo», de Raymundo Pinheiro Castello-Branco, e, na margem direita, as propriedades «Içá», da viuva de Alfredo Batalha e «Bocca do Pauhiny», de Joaquim Ribeiro.

Neste seringal, entregue á gerencia do sr. Henrique Eduardo de Oliveira, ha um bem sortido estabelecimento commercial, que, em outros tempos, fez negocios vultuosos, vendendo mercadorias e servindo de centro recreativo aos seringueiros que se destinavam ao Pauhiny ou vinham desse rio para a nossa capital desfructar os recursos que auferiam durante a safra da borracha.

Mais acima da fóz do Pauhiny, o Purús é recortado, na margem esquerda, pelo affluente Tuhiny ou Teuhiny — um rio estreito, de aguas barrentas, em cujas margens avultam arvores gingantescas de todos os matizes.

A navegação vae se tornando quasi impraticavel nesse affluente, pois que, se na epocha da enchente as arvores desabam accidentalmente, ficando atravessadas de uma margem á outra, no inicio do verão as aguas começam a baixar, sensivelmente, pondo o leito quasi a descoberto.

Rio pouco piscoso e quasi insulado, o Tuhiny só é navegado pela lancha *Rondon*, do Serviço de Protecção aos Indios e pelos batelões da firma Antonio Joaquim Ribeiro, que, na sua fóz, possue um vasto barracão, séde do seringal «Bocca do Tuhiny».

Num dos trechos mais solitarios desse affluente, á grande distancia da margem do Purús, demora o posto de protecção aos indios, administrado pelo major João de Barros Velloso da Silveira, que tem como auxiliar, no serviço, o cidadão Francisco Braga Filho.

Situado á margem direita, numa posição dominante, esse posto foi fundado este anno e tomou o nome do tuchaua Ma-

Aspecto do posto indigena do Tuhiny

nuacá, que, em mil novecentos e treze, morreu na antiga colonia indigena «*Manoel Miranda*», no rio Inauhiny.

O primeiro aspecto desse nucleo é constituido por um barracão, que repousa quasi á beira do rio, servindo de séde pro-

visoria. Em duas dependencias moram o auxiliar Braga e alguns trabalhadores, havendo ainda um deposito de mercadorias, sala de jantar, varanda e cosinha. Por traz desse barracão, á direita, procedeu-se á abertura de uma pequena avenida e iniciou-se

A Avenida do posto Tuhiny

nella, parallelamente, o levantamento dos esteios da séde definitiva e a construcção de varias barracas, com cobertura de palha. Em algumas cabanas, que já foram construidas, moram separadamente vinte e seis indios *jamamadys* e os colonos José do Monte, com sua mulher e dois filhos; Francisco Vieira de Moura, com mulher e um filho; Manoel Nogueira Pontes, com mulher e duas filhas; João Antonio de Oliveira, com mulher e uma filha; Pedro José da Silva e sua mulher; Jorge de Castro Menezes, Anisio José de Oliveira, Paulo José da Costa, João Flôr da Silva, Galdino Gayoso Gama e Raymundo Ferreira da Silva.

Em consequencia das febres de máo caracter, morreram alli, no periodo de um anno, os colonos Raymundo Cezar de Oliveira, Theophilo José Barreto e a mulher de Galdino Gayoso Gama.

Logo que seja ultimada a construcção das demais barracas, proceder-se-á á localisação dos indios de tres malocas que ficam a poucas horas de viagem do posto, os quaes costumam

vir ao nucleo para receber mercadorias, instrumentos de lavoura e medicamentos.

Ao lado da avenida do posto, no flanco esquerdo, procedeu-se á derrubada de mattas numa grande area destinada á cultura agricóla.

As plantações de cereaes e arvores fructiferas deverão ser iniciadas em principios de agosto vindoiro.

Conta ainda o posto, nas suas adjacencias, duas pequenas roças com macacheira, mandioca, milho, bananeiras e abacaxyzeiros, além de um grande cannavial, fiscalizado pelo colono João Thomé da Silva, que mora com sua familia em uma cabana alli construida.

Tenciona o inspector de Serviço de Protecção aos Indios iniciar alli o fabrico de assucar, logo que os recursos financeiros o permittam a adquirir os apparelhos necessarios. A aviculturae a horticultura vão tomando um sensivel incremento no posto, vendo-se nos fundos da séde provisoria uma pequena cêrca com duas divisões internas: uma, construida de madeira, com tela de arame e dotada de varios compartimentos, serve de abrigo aos gallinaceos de varios typos que lá se encontra: a outra, rendilhada de pequenos canteiros, apresenta plantações de legumes em regular escala.

Os indios *jamamadys* são de estatura mediana, côr morena

Grupo de indias "Ipurinãs" localisadas no posto do Tuhiny

e cabellos lisos, semelhando-se muito aos caboclos civilisados do Amazonas. Alguns são mirrados e outros de compleição robusta, notando-se em todos muita expansão e jovialidade, quando palestram.

Entre os que se acham localizados no posto, vi alguns com cravos de arbusto encrustados nas faces e nos lóbos das orelhas, á guisa de adorno.

Dotados de um espirito intelligente e dispostos para o trabalho, esses indios fazem objectos curiosos, notadamente rêdes de fio, chapéos de timbó e da palha do jauary e ventarolas coloridas de pennas de aves, hoje imitadas por muitos habitantes civilisados do alto Purús, que souberam aproveitar a engenhosidade indigena.

As principaes figuras da tribu são o tuchaua e o pagé, cabendo a este a responsabilidade do tratamento dos selvicolas, por meio de hervas medicinaes. Antes do tratamento, o pagé faz os seus officios em torno do doente, friccionando-lhe o corpo com as mãos e simulando tirar pedras dos orgãos internos. Acreditam os selvicolas que essas pedras são introduzidas pelo genio do mal, conhecido entre elles por «Arabany». Quando o enfermo succumbe, os indios abandonam a maloca, na supposição de que o famoso «Arabany» ramificou-se alli com unhas e dentes, indo levantar as suas habitações em outro logar mais distante. No periodo dessa mudança, o pagé permanece debaixo de uma arvore, ao ar livre, gritando desesperadamente contra o genio do mal.

Outra curiosidade que se dava entre os indios era o julgamento de crimes praticados, na maloca, por qualquer um d'elles. Reunia-se o conselho de indias — o unico julgador — e, se deliberava a morte do accusado, este era obrigado a beber uma solução de pimenta triturada em agua, até expirar, sendo a dozagem feita e ministrada pela mãe ou, na falta desta, pela mulher do condemnado, em presença das indias. Os indios não podiam assistir ao supplicio nem revogar a sentença, e á esta tambem estava sujeito o tuchaua da tribu, se commettia um grande crime.

E' claro que essa praxe foi banida pelos *jamamadys*, desde o momento em que elles, mais ou menos, começaram a ter uma idéa approximada de certos habitos da civilisação.

IV

Foi desagradavel senão dolorosa a impressão que tive em Canutama.

A esquecida villa amazonense, situada á margem esquerda

do baixo Purús, num terreno sujeito ás alagações, lembra uma velha aldeia em ruinas e quasi abandonada de seus habitantes.

A' vista do porto avultam dois renques de casas rusticas e mal construidas, sendo algumas cobertas de telha e outras de zinco. Entre esses renques, em sentido horisontal, estende-se a avenida coronel Botinelly, ladeada por dois pontilhões de madeira, que servem de calçada ás duas filas parallelas de habitações, facilitando assim o transito dos moradores, no periodo das enxurradas.

Os principaes edificios dessa avenida, aliás sem importancia, são as casas do coronel Botinelly e do commerciante Leão Cohen e o *chalet* do padre José Maria Villa, protegido por uma pequena murada com gradil de ferro. O predio da Intendencia Municipal, situado na mesma arteria, acha-se em estado lastimavel, apresentando enormes buracos nas suas paredes internas.

E' no fim dessa avenida que o mattagal vae tomando proporções assombrosas, cobrindo o bairro em que demoram, isoladamente, varias barracas habitadas e a capella erguida sob a invocação de São João Baptista. Este templo é construido de madeira e coberto de zinco, abrangendo, interiormente, um só recinto, do qual foi cimentada uma parte do chão ou, melhor, o plano em que repousa o altar com a imagem do padroeiro.

Encontrei em Canutama uma collectoria federal, outra estadual, uma pequena pharmacia e tres ou quatro casas de negocio, desprovidas de generos de primeira necessidade. A villa não possue mercado e quasi todos os seus habitantes vivem em estado de indigencia por falta de serviço.

Fazendo uma ligeira revista nessa localidade, encontrei-me com o padre José Maria Villa, antigo vigario da parochia, que foi suspenso das suas funcções sarcerdotaes. Trajava elle, na occasião, calça e dolman de linho commum e vinha do seu engenho, installado num dos arrabaldes da villa, onde se entrega ao fabrico de mel e rapadura, trocando esses productos por outros generos de consumo.

O padre Villa narrou-me a odysséa da sua vida em Canutama, dizendo-me que, nos aureos tempos, ganhou alguns recursos e poude viver com decencia; mas, hoje, sujeito ás inclemencias da miseria, só alimenta um unico intuito: é vender os seus bens, que pouco valem, retirando-se para o seu berço natal.

A verminose e o paludismo ameaçam cruelmente a vida dos moradores de Canutama, sendo justa, portanto, a idéa que teve o dr. Samuel Uchôa, abnegado chefe do serviço de prophylaxia rural, de fundar alli um posto de soccorros medicos.

A Labrea é a localidade mais importante do baixo Purús, achando-se, todavia, em decadencia.

A renda do municipio, que figurava outr'ora em segundo logar, entre os demais do Amazonas, ficou reduzida a um terço com a desvalorisação da gomma elastica, resultando desse mal a ruina do commercio local.

Situada á margem direita do Purús, numa posição dominante, o aspecto da cidade, de longe, suggestiona a vista do espectador, avultando no primeiro plano de construcções, como sentinellas do porto, de um lado o edificio da Intendencia Municipal, do outro a estação radio-telegraphica e, no centro, um pavilhão que serve de mercado publico. E' neste proprio que os passageiros desembarcam, valendo-se de uma especie de trapiche que parte da frente, prolongando-se através do interior do edificio até a praça da Matriz, que fica por traz.

Essa praça, dotada de predios inestheticos, é o centro de maior movimento, onde residem algumas familias e acham-se localisados os principaes estabelecimentos de commercio. No centro da mesma, em destaque, ergue-se a igreja de Nossa Senhora de Nazareth, o unico edificio notavel, cuja construcção foi iniciada pelo saudoso monsenhor Francisco Leite Barbosa, antigo vigario da parochia, tendo sido concluida em mil novecentos e onze. A illuminação electrica desse templo foi extincta, ficando ao abandono a caldeira e demais accessorios.

Em companhia do dr. Agesiláo de Araujo Jorge visitei o interior da igreja, recebendo a melhor impressão. Demora, em frente á fachada do templo, um elegante pavilhão, de fino gosto artistico, construido por conta da municipalidade.

A Labrea possue algumas ruas dotadas de casas e casebres de pouca importancia, apresentando o terreno muitas depressões e poças de lama em varios pontos da cidade.

Quando saltei nessa localidade, a commissão de prophylaxia rural, tendo á frente o seu chefe, havia procedido a derrubada do mattagal, que proliferava nas ruas e nas praças, fundando alli o seu posto de soccorros medicos, que ficara a cargo do dr. Agenor de Magalhães. Esta obra humanitaria satisfez plenamente o desejo dos habitantes, victimas das febres de máo caracter e de outros males que affectam a saude publica, occasionando o sacrificio de muitas vidas.

Encontrei ainda na Labrea uma casa de diversões, com bilhares, de propriedade do coronel Silvestre da Silva Raulino, futuro superintendente municipal e os estabelecimentos commerciaes, sem denominação, de Manoel Joaquim da Costa, Galdino de Moura Brasil, J. A. Cohen, Abbas T. Moussy e Elias Y. Lassery, pertencendo tambem á esta firma a «*Padaria Primor*». Quasi todas as casas de negocio vendem, conjunctamen-

te, generos de consumo, fazendas, estivas, miudezas e medicamentos.

Os estabelecimentos publicos do municipio constam de uma agencia postal, de um tabellionato e de uma meza de rendas do estado, achando-se esta a cargo do dr. Francisco Simeão da Rocha.

Os habitantes soffrem as inclemencias da miseria, sendo grande o numero de pessoas sem trabalho.

Na epoca da vasante do rio, alguns moradores entregam-se ao serviço de pesca e outros fazem plantações de cereaes, em pequena escala, aproveitando as longas praias que ficam nas adjacencias da cidade e que são divididas em lotes pelo fiscal da municipalidade.

Acima da Labrea estendem-se até a bocca do Seruhiny as seguintes propriedades: «São Luiz de Cassianá» e «Aracaty», de Gomes e companhia; «Mabidiry» e «São José do Tary», da viuva de José Raymundo Tavares; «Tauná», de Gomes & C.ª; «Trombetas», de Francisco Rufino; «Providencia», de Gomes & C.ª; «Marrahan», dos herdeiros de Manoel Dias; «Sebastopol», de Aprigio Cezar; «São Francisco de Canindé» e «São Domingos», de Evaristo Bezerra; «America» e «Miracema», de João Nogueira de Araujo; «Catatiá», de Raymundo Cordeiro; «Bom Jesus», de Gomes & C.ª; «Santa Candida,» de Galdino Pinheiro; «Aciman» e «Cachoeira», do coronel Hilario Alvarez; «Arudá», de José Corrêa Rodrigues; «Itamaraty», de Claudino Romariz; «Independencia», de Adriano Campos; «Cearian», da viuva de Miguel Achão; «Santa Cruz do Brazil» e «Luzitania», de Antonio Romariz, «Bocca do Tumian», «Abuniny» e «Belleza», de Antonio Elias Fayal; «Bôa União», dos herdeiros de José Barreiros; «Mamoriá», dos herdeiros do saudoso Braz Gil da Encarnação, fundador da villa de Canutama; «São Luiz do Mamoriá», de Gomes & C.ª; «Quician do Samoará», de Christiano Barreiros; «Ajuricaba», do coronel Francellino Borges; «Catipary», arrendado a David Sicsú; «Metaripuá», de Umbellino Bezerra; «Seruhiny», de João Bernardo; «Caçaduá», do major João de Barros Velloso da Silveira e «Humaythá», de Antonio de Almeida Amaral Magalhães.

V

A flora amazonica é de uma poesia incomparavel, destacando-se, nesse bello conjuncto, a vegetação faustosa do rio Seruhiny, affluente do Purús, em cujas margens senti a vista deslumbrada á contemplação de arvores gigantescas.

A fecundidade do solo é evidente, encontrando-se alli pre-

ciosos vegetaes de grande utilidade na industria do tecido, do papel e da cordoalha.

Foi esta a razão que impelliu um dia o major João de Barros Velloso da Silveira, proprietario na região, a fazer um appello ao governo federal, lembrando a creação de uma fabrica de tecidos n'aquella zona, idéa que foi bem acolhida, mas não teve ainda o devido amparo,

O Seruhiny é um rio estreito, pouco profundo e marginado de terras alagadiças, encontrando-se no seu curso poucas faixas de terra firme. As suas principaes propriedades são os seringaes «Santo Antonio», do major João de Barros Velloso da Silveira; «Fortaleza», de Antonio Magalhães e «Bocca do Mixiry», dos irmãos Isaac Pontes e José Manassés Pontes. A borracha dessas propriedades é conduzida através de varadoiros ou em batelões que vão até a margem do Purús, ahi embarcando nos navios que passam com destino a Manáos.

Foi no alto Seruhiny, num dos pontos mais solitarios, que fiquei devéras maravilhado com o aspecto do posto de protecção aos selvicolas, fundado e mantido pela inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios.

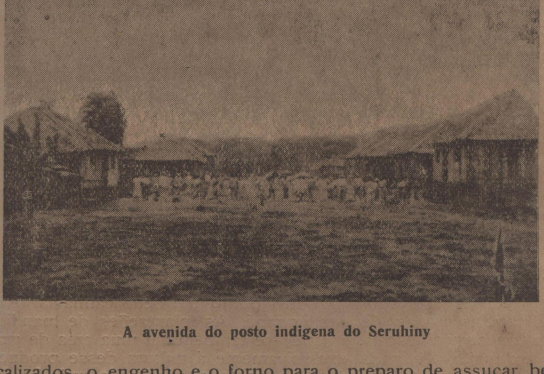
Povoado em plena floresta, ahi se encontram trabalhos de vulto. Logo à margem do rio, a oito metros de distancia, destaca-se a futura séde do posto, em construcção, vasto edificio de

O principal edificio do posto indigena do Seruhiny, em construcção

arte, cuja fachada suggestiona pelo seu aspecto elegante. As divisões do pavimento terreo desse predio constarão de duas sa-

las na frente, destinadas ao funccionamento das escolas indigenas de lettras e costura; tres dormitorios, uma sala para oss erviços da administração e da secretaria, outra sala de jantar, cozinha, banheiro e retreta. O andar superior é constituido por um lindo pavilhão, dividido em duas salas. Nos fundos do edificio haverá um pequeno pateo, e, além deste, de um lado, uma horta cercada de arame farpado, e, do outro, uma cêrca para a creação de aves gallinaceas, correndo entre essas divisões um passeio, por onde os alumnos das escolas sahirão com destino ás suas habitações. Na fachada do edificio será erguido um singelo perystilo, onde os habitantes do nucleo deverão passar as suas horas de recreação.

Actualmente o ponto pittoresco do posto é uma pequena avenida que corre entre dois renques de barracas e barracões cobertos de palha. Num desses renques, á direita, encontra-se a séde provisoria do nucleo e um vasto barracão onde se acham



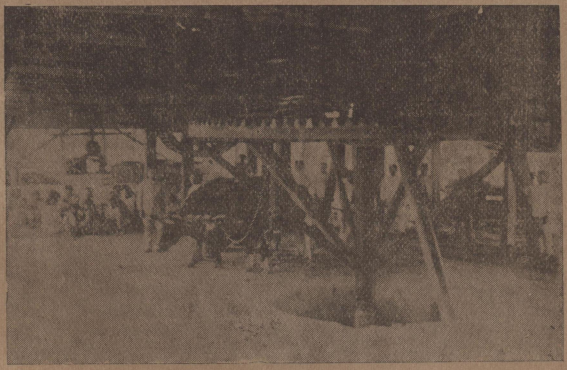
A avenida do posto indigena do Seruhiny

localizados o engenho e o forno para o preparo de assucar, bem como a machina destinada ao ralamento de mandioca, a qual é accionada por um volante que se põe em movimento com a energia de possante bolandeira, puxada por uma junta de bois. Essa bolandeira, feita a capricho pelo sr. Domingos Rodrigues, carpina do posto, constitue um trabalho que muito honra a industria amazonense. O forno em que se fabríca a farinha, acha-

se installado numa pequena barraca, a tres passos do barracão das machinas.

As demais barracas da avenida são habitadas, separadamente, por cincoenta e sete indios «Ipurinãs», inclusivé mulheres e creanças e pelos colonos e trabalhadores do posto de nomes Jeronymo Campos com mulher e filho, João Severiano e esposa, Domingos Rodrigues e esposa, José Taveira, Francisco Martins, José Vicente, José Pedro, José Claudio, Manoel Ferreira e mulher, Antonio N. Bezerra, Maximiano Estevam, Francisco Pereira e Francisca Lopes.

Nas cercanias do posto, em terreno accidentado mas productivo, ha uma grande roça com plantações de cereaes e arvo-



O interior do barracão de farinha do posto do Seruhiny

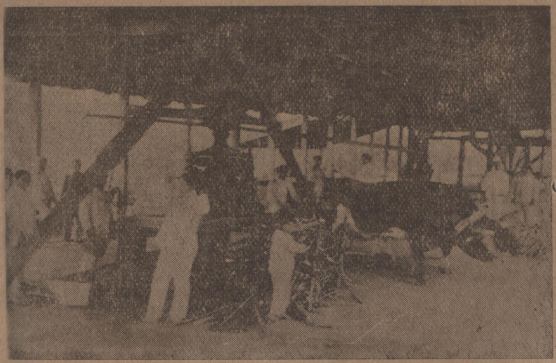
res fructiferas, existindo n'outro ponto um bello cannavial fertilisado pelas aguas de um igarapé. As plantações de mandioca são em regular escala, notando-se tambem alli uma area de grande extensão destinada exclusivamente á cultura desse producto.

Ultimamente iniciou-se no posto a criação de gado bovino, com o preparo de um campo de pastagem, onde se encontram dois bellos toiros, tres novilhas e uma vacca da raça crioula.

Como acontece em quasi todas as zonas do interior do Amazonas, o Seruhiny é assolado, não raramente, pelas febres palustres e outros males que ameaçam a saúde dos seus habitantes.

Os indios «Ipurinãs», que lá vivem, occupam-se na caça e nos serviços de cultura agricola, auxiliando tambem os colonos na fabricação de assucar e farinha. São communicativos, attenciosos e de physionomia sympathica, em nada differente da dos nossos caboclos nortistas. Os homens são de baixa estatura e de côr, morena, usando os cabellos cortados á moda dos civilisados. As mulheres têm os cabellos lisos e bellos dentes que adornam os labios, através de um sorriso ingenuo, notando-se traços delicados no semblante de algumas e linhas rusticas nas feições de outras.

Nos dias de festa, elles costumam exhibir-se com as suas danças caracteristicas, em torno de uma fogueira, fazendo uma



O Engenho do posto do Seruhiny

vozeria desafinada e confusa. Nos intervallos da brincadeira, quando os homens vão tocar o «camaty», as indias fogem para a matta e tapam os ouvidos, dominadas pela superstição de que, si escutarem os sons desse instrumento, serão devoradas pelas onças.

O «camaty» nada mais é que uma buzina rustica, feita de bambú, na qual os indios, soprando, imitam guinchos de macacos, gorgeios de passaros e rosnados de féras. A vibração desse instrumento tem admiravel repercussão, ouvindo-se á grande distancia.

Entregue á administração do major João de Barros Velloso da Silveira, que tem como auxiliar o sr. Leonardo da Costa e Silva, o posto indigena do Seruhiny encontra-se em alto gráo de prosperidade, deixando patente a capacidade e a dedicação de seu administrador.

O major Barros militou por algum tempo na imprensa do nordeste e pertence a uma das mais illustres familias de Pernambuco, residindo actualmente no seu seringal «Caçaduá», que, apezar da desvalorisação do ouro negro, ainda mantem numeroso pessoal no serviço, produzindo de doze a quinze mil kilos de borracha em cada safra. Espirito humanitario, tem soccorrido com dinheiro e passagens a muitos habitantes pobres da região do Purús.

Enfeixando estas notas, cabe-me observar, á guisa de informação, que, na viagem que fiz da fóz do Seruhiny até a bocca do affluente Tuhiny, através do Purús, pude registrar as seguintes propriedades: «Guajarrahã», do coronel Francellino Borges; «Lafayette», de Francisco de Assis Vasconcellos; «Agua Preta», dos herdeiros de Francisco das Chagas Pinheiro; «Alegrete», de Antonio Briguer; «Terroan», de José Rodrigues; «Serury», a mais importante, do coronel Paulo Nascimento; «Santa Victoria», da viuva de Alfredo Batalha; «Tacaquiry», de Aurelio Augusto Costeirinha; «Canacury», de Pedro Gomes do Nascimento; «Bocca do Penery», de Julio Costa e Silva; «Pelotas», de José Moreira Maia; «Bocca do Tuhiny», de Antonio Joaquim Ribeiro.

No seringal «Alegrete» funcciona a escola mixta «Ruy Barbosa», sob a direcção dos professores Agricola Telles da Rocha e d. Luiza Pinheiro Rocha, os quaes, disseminando o ensino primario, têm, de algum modo, combatido o analphabetismo n'quella região. A escola tem caracter particular, constando a sua matricula de quarenta alumnos externos. Como um estimulo patriotico, commemora condignamente todas as datas nacionaes por meio de festas civicas e prelecções historicas.

RIO MADEIRA

Aspectos naturaes da região. — A villa de Borba e a cidade de Manicoré. — Os principaes affluentes do Madeira e as condições de vida dos seus habitantes. — Os postos indigenas do Maicy. — O baldeamento de cargas e passageiros no rio Jamary. — O povoado Cachoeira do Samuel. — O posto indigena «Rodolpho Miranda». — Um milagre.

I

Surprehendem ao espirito do observador as impressões de uma viagem fluvial ao medio rio Madeira.

As maravilhas naturaes vislumbram a cada momento, offerecendo-nos aspectos que suggestionam pelo requinte da sua belleza, coisa aliás vulgarissima no Amazonas, porque o colosso nortista lembra um novo Eden perdido na vastidão do globo.

Subindo ou descendo o rio através da sua esteira de aguas barrentas, recortada, transversalmente, por uma infinidade de affluentes que formam outros rios ou igarapés, a gente sente uma sensação extraordinaria de poesia. E' que as margens do Madeira, franjadas, em alguns pontos, pelas praias alvadias, deixam resaltar o vigor de uma opulenta vegetação, ataviada pelas flôres amarellas do páo d'arco ou pelas ramagens esbeltas das trepadeiras silvestres, que, eriçadas nos troncos das arvores altaneiras, formam lindas arcarias de verdura.

Nada é alli mais enlevante para a alma do viajante do que a sublimidade dos primeiros sorrisos da manhã, quando a briza soluça e brinca nas arvores ribeirinhas e as colorações do sol resplendem na matta viridente, avivando a polychromia dos paineis ou reflectindo os seus borboleteios de oiro na superficie tremula das aguas.

A tantos deslumbramentos, allia-se a poesia do silencio, mas d'aquelle silencio tonificante e dôce que infunde a saudade e transporta o espirito do peregrino a um ambiente de extranhas sensações. Então, a gente scisma, e as impressões mais suaves desfilam pela mente como que a evocar paragens desconhecidas, sonhos mysteriosos de um mundo de coisas ideaes.

Esses encantamentos são tanto mais sublimes quando se

ouve, em meio d'aquella solidão, o acroama suave de uma corrente crystallina que desliza entre soutos verdejantes ou a monodia de uma ave inquieta a recordar esses queixumes de amor ditos á sombra de um laranjal florido.

Mas, a despeito de tantas seducções, a viagem ao Madeira torna-se monotona a principio com o descortino de velhos cazebres que, isoladamente, avultam na orla do rio, attestando o estado de miseria dos seus habitantes.

Chega-se a Borba e nada mais se vê que uma faixa saliente de terra, á margem direita do rio, onde repousam algumas casas de taipa e pequenas barracas cobertas de palha. A rua da frente é a unica que se destaca com dois ou tres edificios de aspecto agradavel, notadamente o do grupo escolar Monsenhor Coutinho, que permanece fechado, porque as professoras abandonaram as suas cadeiras, deixando alli a infancia sem instrucção. Outro edificio, que ainda se pode recommendar á attenção do viajante, é a igreja de Santo Antonio, alvejando no centro de uma pequena praça, e quasi reclinada á margem do rio.

Notei, com pezar, muita pobreza e miseria na vida de seus habitantes, dignos por certo de uma existencia mais feliz.

Uma impressão não menos desagradavel se tem ao visitar Manicoré. A pequena cidade acha-se debruçada em um alto barranco, que, dia a dia, vae sendo derruido pela acção das aguas cujo trabalho de solapamento, continuando, como vae, dará logar a que de futuro venha desmoronar-se a rua da frente, que se acha apenas distante a uns seis metros da extremidade do barranco. Alem dessa arteria, existem apenas, em Manicoré, uns tres agrupamentos de casas, a cujos passeios só impropriamente se poderá dar o nome de ruas. Ao longo dessas vias publicas viceja denso mattagal, tornando ainda mais inesthetico o aspecto das casas de construcção fragil e sem architectura recommendavel. Só duas cousas prendem a vista do observador, que aporta á abandonada Manicoré: a igreja de Nossa Senhora das Dores, edificio de uma certa belleza architectonica e elegante decoração interna; e o proprio da Intendencia Municipal, que é construido de bôa alvenaria, mas que, pela falta de conservação, de que já se resente, ha muito tempo, vae pouco a pouco se esboroando.

II

Acima da villa de Manicoré demoram varias propriedades ribeirinhas, notadamente o logar «Nova Olinda», de Manoel Alecrim Lopes. Destaca-se por uma fileira de barracas isoladas, no barranco, além do barracão central e um alojamento para hos-

pedes. E' ahi que o rio Madeira se cruza com o Marmellos, á direita, correndo este em sentido transversal.

O Marmellos nada tem de attrahente. E' um affluente de aguas escuras e longos estirões, onde as praias rareiam e a vegetação, embora gigantesca, não possue esses tons polychromados que maravilham o espirito do observador.

As suas margens encontram-se quasi despovoadas, no alto rio, vendo-se a muito custo uma ou outra barraca debruçada em plano de terra firme ou mesmo nos pontos alagadiços.

Vi alli apenas quatro propriedades dignas de registro: «Paúba», de Manoel José das Neves; «São Raymundo», de Alberto Alves da Silva; «Nova Vida», de Ezequiel del Aguila e «Cipoal», de Antonio Cruz.

No medio rio as propriedades principaes são «Nova Vida», de Pompeu Brasil Ribeiro; «Natal», de Severiano Lopes Duarte; «São José», de José Furtado Souza; «Vista Alegre», de Raymundo Marques Cardoso; «Paraiso», de Virgilina Auta de Oliveira; «Desterro», de Domingos Antonio do Rego; «Panorama», de Oscar Avellar de Mello e «Fortaleza», de Lourenço Antonio Pinto.

Os habitantes do Marmellos vivem exclusivamente da pequena lavoura e da castanha, trocando este producto por mercadorias dos poucos negociantes de regatão, que, na epoca da safra, sobem e descem aquelle rio. Ha alli pouca caça e escassez de peixes e mariscos, razão pela qual os moradores soffrem amargas provações, notadamente no periodo da enchente.

Na minha viagem por esse rio vi alguns funccionarios do serviço de protecção ao indios distribuindo generos alimenticios por muitas familias neccessitadas.

O mais importante tributario do Marmellos, é o rio Maicy, cujas aguas, de um verde esmeraldino, deslisam calmas e serenas entre as margens adornadas por uma vegetação alegre e viçosa, que offerece os mais variegados aspectos.

Arteria estreita e de voltas curtas, que dão, ás vezes, a idéa de pequenos igarapés, é nas suas margens que repousam os postos de attracção do serviço de protecção aos indios, as unicas habitações alli existentes.

Um dos postos, denominado auxiliar, fica um pouco acima da fóz do mesmo tributario, numa dominante faixa de terra que desce, em rampa, até a beira do rio. E' dirigido pelo sr. Justiniano dos Santos e tem por objectivo principal a protecção aos selvicolas e trabalhadores nacionaes, que alli encontram o necessario acolhimento e são aproveitados, á medida dos seus recursos, no desbravamento das mattas e desenvolvimento da cultura agricola.

Em frente ao posto, na margem opposta, começam os aldeiamentos isolados dos indios *Pirahans*, que abrangem os logares «Santa Cruz», «Passabem», «Soledade», «Flechal» e «Coatá» até o medio rio.

Esses logares, embora desbravados e habitados pelos selvicolas, á custa dos mais ingentes sacrificios, são alvo da cubiça do major Tito Neves, que, chefiando grupos de assalariados, não ha muito ia alli desalojar os indios dos seus tapirys, apossando-se das terras e capoeiras com plantações e invadindo as mattas com o fim de explorar os castanhaes. Este expediente era levado a effeito sempre no periodo da safra da castanha, findo o qual Tito Neves regressava a Manicoré, onde reside, tendo antes o cuidado de queimar as palhoças dos selvicolas, com o fim de afugental-os de vez. Contaram-me em Maicy que, em dia do anno expirante, Tito Neves destruiu o tapiry de um indio, á margem do rio e armou uma barraca a tres passos do local, com a idéa de alli permanecer por algumas semanas. Mas aconteceu que, por accaso, uma arvore desabou e cahiu em cheio na palhoça do potentado, reduzindo-a a frangalhos. O facto chegou ao conhecimento dos moradores daquella região e foram taes as superstições, que muitos trabalhadores fogem hoje da sombra de Neves, pensando que elle foi castigado pela Providencia.

A despeito desse caso phenomenal, Neves continuou a perseguir os indios e a invadir aquelles logares, sem fazer alli a menor bemfeitoria.

Ultimamente convidou o seu antigo aviado Manoel Joaquim de Souza, residente no rio Marmellos, a fazer uma visita aos castanhaes, para a extracção de castanhas, mas o aviado declinou do convite, dizendo que lá não iria, porque semelhante intervenção visava perturbar o serviço de protecção aos indios.

Effectivamente, aquella repartição tem, na medida de suas possibilidades economicas, desenvolvido a maior actividade no que concerne ao amparo e verdadeira protecção aos infelizes selvicolas, não só procurando evitar essas incursões como tambem fornecendo aos aborigenes tudo quanto lhes possa minorar as agruras da solidão em que vivem, dando-lhes, alem de roupas e viveres, o material necessario para o desenvolvimento de sua agricultura.

III

O outro posto, situado no vertice da nesga de terra que se prolonga pela margem direita do rio, foi fundado pelo capitão Emmanuel Amarante e tem como encarregado o sr. Manoel Sarai-

O posto indigena do baixo rio Maicy

O posto indigena do medio Maicy

va de Oliveira. O seu aspecto é deveras suggestivo, sobresahindo á beira do barranco, em fórma symetrica, uma fileira de pequenas barracas habitadas por trabalhadores do pequeno nucleo federal. No flanco esquerdo dessas cabanas, em plano afastado, demora o barracão que serve provisoriamente de séde e, ao lado direito, está sendo construido um outro barracão, com diversas dependencias, para servir de moradia ao tuchaua e outros indios da tribu mencionada. Nos fundos dessa construcção iniciaram o preparo de uma vasta roça destinada ao plantio de cereaes, legumes e arvores fructiferas, a qual ficará sob os cuidados dos selvicolas.

A séde definitiva do posto será transferida para um amplo edificio, cuja construcção se vae erguendo, proximo ao local do estabelecimento provisorio, de accordo com a planta traçada pelo dr. Aristoteles Grangeiro. Nas adjacencias do mesmo avulta o mais importante melhoramento do posto, constituido por enorme roça, numa grande extensão de metros quadrados. As plantações desse campo agricola acham-se bem viçosas e constam de feijão, mandioca, macacheira, milho, inhame, cará, legumes, arvores fructiferas e um longo cannavial.

Incrementando a agricultura dessa região e auxiliando o trabalho dos selvicolas, mantem alli a inspectoria varias familias necessitadas e os trabalhadores José Garcia de Freitas, Manoel Alves, Emiliano Ramos, João Furtado de Souza, Pedro José Bento, Antonio Guedes de Araujo, Eduardo Mendes Pinheiro, Feliciano Pinto, Francisco da Silva Pires e Manoel Furtado de Souza.

Impressiona logo ao visitante dessa região o aspecto physico, o caracter e os costumes dos indios que a habitam, os quaes se destacam de todos os outros pela sua attrahente originalidade. São os homens de estatura mediana, compleição robusta, tez morena, cabellos encaracolados, barba ligeira, leve pennugem em forma de bigode, tendo alguns este ornato physico bastante farto. As mulheres são em sua maioria franzinas, tez morena, levemente clara em outras, nariz aquilino, olhos doces e languidos, labios delicados, sorriso amavel, revelando em todo esse conjuncto de dotes physicos muita graciosidade.

O caracter desses indios é mais ou menos bom, tanto quanto podem permittir os instinctos e os impulsos de uma raça inculta e ainda não completamente educada para a civilisação. São elles doceis, amaveis, hospitaleiros, communicativos, fortes e altivos. Ciosos ainda das suas tradições, guardam as suas armas e trophéos de guerreiros valentes, occultando-os ás vistas profanas, em logares desconhecidos. A sua tradição de grandes luctadores é bem conhecida naquella região, onde conseguiram, em

outros tempos, anniquilar a tribu dos Turás, da qual existem apenas hoje alguns descendentes, que habitam as margens do rio Marmellos. Ultimamente vinham travando luctas terriveis contra a feróz tribu dos Parintintins, que procurava, a todo transe, occupar a região que elles habitam. Mas, as acertadas providencias tomadas pela inspectoria dos indios, no sentido de pôr termo a estas pugnas fratricidas, deram como resultado a cessação desses attritos sangrentos. Actualmente os Pirahans voltam-se para o trabalho e para a communhão social, esquecidos do seu antigo viver e das luctas passadas.

Os Parintintins, porém, continuam no seu systema selvagem de antigas guerrilhas. Mas é de esperar que, em breve, entrem para o convivio da civilisação, devido ás providencias que estão sendo tomadas pela inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios no tocante á sua pacificação.

E' assim que, para alli já foi enviado o naturalista Curt Nimuendajú com o fim de chefiar o serviço de pacificação.

I V

E' no medio Madeira que os aspectos se nos afiguram mais animados, perdendo-se o olhar do viajante naquella opulenta e variegada vegetação que se estende pela margem do rio, numa pomposidade que encanta e seduz. De espaço a espaço, um claro se abre no barranco, deixando vêr lindos «chalets» e outras construcções de apurado gosto. São em grande numero as propriedades que alli se encontram, merecendo especial destaque as de nomes «Calama», de Asensi e companhia; «Mirary», do coronel Antonio Francisco Monteiro e «Nova Victoria», de Lemos e Campos. Esta ultima fica á pequena distancia da florescente cidade de Porto Velho e é o ponto de baldeação da carga que os navios mercantes conduzem de Belém e Manáos para o rio Jamary.

A carga dos vapores da «Amazon River» é transportada, com presteza, pela lancha «Isamario», d'aquella firma, e a dos navios da Companhia Fluvial por uma ou duas lanchas particulares que, ás vezes, alli apparecem, causando isto serios prejuisos ao commercio do Jamary, porque os volumes ficam, quasi sempre, de quarentena. Outras embarcações de pequeno calado fazem a linha directa de Manáos ao Jamary.

Partindo de «Nova Victoria», com a carga baldeada, as embarcações vão até a Cachoeira do Samuel, onde existe um trecho inaccessivel á navegação, em virtude dos perigosos lagedos que se estendem no leito do rio, contornando uma pequena curva. E' ahi que se faz nova baldeação da carga desti-

nada ao alto Jamary, sendo os volumes transportados por terra a uma rampa que fica além da zona encachoeirada, onde outras embarcações os recebem, levando aos portos de escala. O transporte é feito por um carro que desliza em trilhos de ferro até a rampa, accionado por um motor de grande força, sendo esse serviço explorado pela firma Arruda e Irmão, a quem a região deve outros melhoramentos de utilidade publica.

Fazem a linha de navegação da Cachoeira do Samuel ao alto rio Jamary e seus tributarios as lanchas «Catita», «Vidy», «Veloz» e «Arnaldo», de A. B. Carmo e companhia; «Guajarina», «Natal» e «Colibry», de Arruda e Irmão. Tambem trafegam alli as lanchas «Jamary» e «Herminio», de Frota e companhia.

O Jamary corta a margem direita do Madeira, e as suas principaes riquezas nativas constam de seringueiras e castanheiras. O solo, uberrimo e productivo, nem por isso é aproveitado com carinho pelos habitantes, que se limitam apenas ao cultivo de pequenas roças e isso mesmo nos pontos ribeirinhos. D'ahi a causa do pouco movimento desse rio, quasi que limitado á exportação de borracha, porquanto a colheita de castanha é diminuta.

Dos males que affectam a saúde dos habitantes, os peiores são as febres palustres e as feridas bravas que têm causado o sacrificio de muitas vidas.

Os principaes seringaes do Jamary são: «Santa Cruz», do coronel Alfredo Arruda; «São Luiz», de Godofredo Arruda; «Victoria», de Lemos e Campos; «Bocca do Jamary», e «Conceição», de Elpidio Chaves de Mello; «Primor», de Arruda e Irmão; «Tapirema», de José Antonio Berlange; «Prosperidade», de Elias Bendaah; «Bôa Esperança», de Jeronymo José de Mello; «Botica», de João Paulo Diniz; «São Carlos», de Angelo de Paula Avelino; «Canadá», de A. B. Carmo e companhia; «Fortaleza», de Sadoc Maciel e companhia.

Ha ainda os seringaes «Escalvado», do coronel Aureliano Borges do Carmo, no affluente Canaan; «São José», de Sadoc Maciel, no confluente rio Pardo; «Itapipoca», do coronel José Ignacio da Frota, na bocca do affluente Rio Branco. O primeiro é o mais importante, tendo a sua séde á margem da cachoeira Canaan, onde avultam bellos «chalets», barracas e plantações de cereaes em escala regular, além de um vasto barracão onde se fabricam assucar e farinha. O coronel Aureliano cogita de desenvolver alli a pastoricia, havendo, para esse fim, adquirido algumas cabeças de gado vaccum, muar e cavallar.

V

Na zona em que demora a Cachoeira do Samuel, encon-

tra-se um povoado com o mesmo nome, que se estende á margem direita do rio Jamary. Em outros tempos prosperou muito e deu grandes rendas á municipalidade de Humaythá, á cuja circumscripção pentence, achando-se agora em decadencia a evidenciar o testemunho de um triste descaso administrativo.

O seu movimento commercial, que era importante, ficou reduzido a quasi nada com o fechamento de muitas casas de negocio, sendo minguado o numero das que existem actualmente. Domina alli o elemento syrio, e os estabelecimentos principaes são de propriedade dos negociantes Nicolão Felix, Gabriel Inde e Ibrahim Fadul.

O commercio mantem transacções com os proprietarios de seringaes do alto rio e faz pequenas transacções na localidade, vendendo generos aos habitantes e aos seringueiros que descem com saldos adquiridos durante a safra da borracha.

O povoado não possue edificação alguma, que se recommende. As suas casas ou taperas são de fragil construcção, as-

Aspecto da Cachoeira do Samuel

sentando algumas em areas isoladas e, outras, em renques mal alinhados, a formar ruas e viellas invadidas pelo mattagal.

Vi alli uma padaria, uma officina de alfaiate, um talho de

carne verde, uma officina de obras mecanicas e a estação telegraphica, a cargo do sr. João Dourado, fundada pela benemerita Commissão Rondon. Entretanto, não encontrei nenhum estabelecimento de ensino, a despeito da existencia de uma população de quinhentas e tantas almas, inclusivé probres creanças que não conhecem as lettras do nosso alphabeto. A escola que existia era particular e regida por d. Maria Teixeira Alves, esposa do sr. Francisco Teixeira Alves, mas o estabelecimento teve de fechar ultimamente as suas portas com o fallecimento dessa humanitaria senhora, que tambem soccorria a pobreza, nos momentos de calamidade publica.

Accresce que, ultimamente, não havia na Cachoeira do Samuel nenhum destacamento ou autoridade policial legalmente constituida, tendo o povo, á vista de semelhante falta, acclamado subdelegado o citado sr. Francisco Teixeira Alves. Esta autoridade de facto passou a exercer as suas funcções com criterio e dedicação, mantendo no serviço tres civis, que, armados de sabre e trajando á paizana, vinham fazendo, com regularidade, o policiamento da localidade, dando ensejo a que o dr. Mario do Rego Monteiro, digno chefe de policia do Estado, baixasse um acto effectivando a sua nomeação.

E' opportuno observar que o povoado não possue cadeia, sendo a reclusão dos presos feita em um proprio do coronel José Ignacio da Frota.

Outro facto digno de registo vem a ser que, na Cachoeira do Samuel, desappareceram a discordia e a inimisade pessoal. Este milagre surgiu de uma idéa feliz do negociante Nicolão Felix que, no dia quinze de novembro, aos primeiros albores da manhã, promoveu alli uma passeata civica, com uma pequena orchestra, visitando, com outras pessôas, todas as casas do povoado. A romaria foi attrahindo proporcionalmente os habitantes, que, tomados de um enthusiasmo indescriptivel. iam fazendo as pazes e confraternisando-se em um só elo.

Em varias casas commerciaes os proprietarios deram salvas a tiros de rifle e fizeram servir bebidas e cigarros á grande massa popular, que, de vez em quando, dava vivas á Republica e á bôa harmonia dos habitantes.

Essas manifestações prolongaram-se até á noite, sendo arrematadas por um animadissimo baile realizado em casa do negociante Nicolau Tolentino da Costa. Ahi consolidou-se o pacto da harmonia entre os moradores, que, desde então, esqueceram as velhas rivalidades e, agora, vivem na mais dôce tranquillidade.

Os habitantes da Cachoeira do Samuel alimentam-se da caça, da pesca e das pequenas plantações de cereaes e legumes

que cultivam nos fundos ou nas adjacencias de suas barracas. O solo é magnifico para a cultura agricola e possue bellos campos de pastagem. Alguns moradores criam animaes dos typos bovino, suino, caprino e cavallar, destacando-se, no povoado, á margem esquerda do rio, a pequena fazenda «Bella Vista», de propriedade do coronel Moysés Marinho.

V I

Quem transpõe a cachoeira Monte Christo, no alto Jamary, não pode deixar de sentir uma sensação immensa, vendo mais acima os fundamentos de um povoado a evocar aquelles tempos em que o dominio colonial levantara na floresta o facho da civilização nascente.

Refiro-me, de passagem, ao posto indigena «Rodolpho Miranda», situado á margem esquerda do rio, numa saliente

Vista parcial do posto indigena "Rodolpho Miranda"

faixa de terra que domina aquelle recanto solitario, espiando o logar «Bom Futuro», da firma Arruda & Irmão, á margem opposta, onde se acha installada a estação telegraphica de Arikemes.

Fundado pelo general Candido Rondon e entregue aos desvelos do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas e

Acre, o posto destaca-se, ao primeiro golpe de vista, por uma longa fila de casas, que se estendem, em alinhamento, pela margem do rio. Correm á frente, em parallelo, dois renques de arvores fructiferas, a simular uma bella avenida.

No centro daquellas habitações avultam tres elegantes *chalets* de madeira, realçados com as cores azul e branca. O mais amplo serve de séde e é habitado pelo encarregado do posto e sua familia, que têm a seu cargo a educação domestica das indias solteiras e dos menores orphãos.

Fiquei deveras sensibilisado com o regimen adoptado naquella casa, não sabendo o que mais admirar: se o testemunho do respeito e da moral, se o tratamento prodigalisado ás indias e aos menores, que andam vestidos decentemente e recebem alli

Grupo de indios de varias tribus localisados no posto "Rodolpho Miranda"

o melhor alimento, além dos cuidados indispensaveis á manutenção de sua saúde. As indias passam o dia em trabalhos cazeiros, occupando-se, ás vezes, em debulhar feijão e outros cereaes.

As suas recreações são constituidas por um pequeno cinema, passeios campestres e reuniões intimas na séde do posto, onde um gramophone deleita os ouvidos dos assistentes. Essas diversões occorrem quasi sempre nos dias de feriado nacional ou por occasião do casamento de alguma india, sempre realizado na séde do posto, com todas as formalidades legaes.

Os outros *chalets* são occupados pelos funccionarios de categoria do posto, morando em oito barracas os indios casados e, num vasto barracão, os indios solteiros. Ha ainda alli, além dos depositos de mercadorias e de oito barracas onde residem, com suas familias, os colonos civilisados, um confortavel predio de madeira, com paredes de paxiúba, destinado ao funccionamento da escola indigena.

Este estabelecimento de educação primaria, regido por um

A sala aonde funccionam as aulas da Escola Indigena do posto Rodolpho Miranda

professor normalista, conta uma matricula de trinta e sete alumnos das tribus Tupy, Urupá, Arikemes, Apurinã, Caxinauá, Parecy, Jarú, Pacanova, Baré, Arara, Caripunas e Kepi-quiri-uats, funccionando, regularmente, com uma frequencia media de vinte e cinco alumnos.

Outro melhoramento importante do posto é o barracão destinado á fabricação de assucar e farinha, sendo as machinas accionadas por um possante locomovel, a vapor, tambem empregado no fornecimento de energia aos apparelhos que fazem o fornecimento de agua canalizada áquelle proprio. O liquido é tirado de um igarapé que corre nas adjacencias do barracão.

Não posso, entretanto, referir-me a esses progressos do

posto indigena, que muito nobilitam a capacidade administrativa do dr. Bento Lemos, inspector do Serviço de Protecção aos Indios, sem deixar de transparecer a minha admiração por uma enorme roça que alli encontrei, á margem do rio, tendo de frente, calculadamente, um kilometro. Esse campo agricola, estendido ao lado esquerdo da faixa de terra em que repousam as habitações, abrange uma area magnifica em que ha enormes plantações de milho, feijão, mandioca e canna, além de muitos pés de bananeira, jamarú, melancia, gerimun e algumas cóvas de café. A colheita de feijão, este anno, suppriu a colonia com vantagem, calculando-se a safra de cereaes, para o anno vindoiro, do se-

O Engenho do posto indigena Rodolpho Miranda

guinte modo: 8.000 kilos de arroz, 20.000 de milho, 30.000 pés de canna, que darão dois mil kilos de assucar e 80.000 pés de mandioca, que poderão supprir o nucleo com muitos alqueires de farinha.

Devo assignalar que vi tambem na colonia algumas cabeças de gado e aves domesticas de varios typos, notadamente gallinhas e patos de raça.

A população do posto augmenta, dia a dia, com a chegada de indios e civilisados, tendo o encarregado recebido ordens para localizar mais dez familias nacionaes, que se encontrassem em estado de indigencia. Estabeleceu-se assim um humanitario serviço de protecção aos flagellados, pois vi chegar alli, ultimamentes diversos infelizes, que logo foram abrigados em barracas e

cercados do melhor conforto, passando a trabalhar no desenvolvimento da cultura agricola.

O primeiro administrador do posto foi o dr. Caio Spindola, victimado por um desastre na cachoeira Monte-Christo, quando descia, num motogodille. o rio Jamary. Os demais foram os srs. Ananias Frota e Conrado Alves de Lima, servindo actualmente de encarregado o sr. Joaquim Lucas da Silva.

VII

Ha no Jamary um pequeno affluente, conhecido por Massangana, que foi scenario de um caso mysterioso e, por isso, digno de um registro.

Era alli domiciliado, com a esposa e quatro filhos, o maranhense Bernardo Ferreira das Neves, empregado do seringal «São Luiz», de propriedade dos srs. Erasmo Castro e Francisco Florindo de Castro.

Em abril do anno passado, sendo aquella propriedade vendida a um terceiro, Bernardo resolveu baixar com a familia, em canôa, acompanhando o sr. Erasmo, que, em batelão, se destinava á Cachoeira do Samuel.

Corria a viagem sem o menor incidente quando, á uma certa altura, distanciado da embarcação em que vinha a familia de Bernardo, o sr. Erasmo notou que varios objectos de uso domestico desciam ao sabor das aguas barrentas do rio.

Impressionado com o caso, teve logo o presentimento de que a canôa de seu empregado se havia alagado, mas, na impossibilidade de voltar, proseguiu na sua róta até o logar «Santa Rosa», de propriedade de José Antonio Berlange.

Ahi pernoitou e, no dia seguinte, resolveu mandar um empregado, em canôa, ao encontro de Bernardo, seguindo, por sua vez, com outros, por um varadoiro que margina aquella arteria fluvial, afim de tornar mais proficua a diligencia.

Em meio da viagem, approximando-se de um igapó, que recorta o Massangana, Erasmo ouviu o rumor de uma voz abafada, que partia daquelle recanto solitario. Chegou, então, á borda do igapó, e ahi deparou com um quadro impressionante: era a menor Francisca Ferreira das Neves, de quatro annos de idade, filha de Bernardo, que, abraçada a um tronco de páo, quasi submerso, conversava calmamente, como que a dialogar com alguma pessoa. A creança tinha as vestes maltrapilhas e os cabellos desgrenhados, mas não deixava transparecer no semblante o menor signal de abatimento physico.

Vendo-a naquella dolorosa contingencia, Erasmo indagou do que havia acontecido, e, Francisca, respondeu-lhe ingenua-

mente: — «A mamãe ficou lá no rio e eu estava falando aqui com um velho».

O sr. Erasmo tomou então nos braços a menor e vestiu-a com a sua camisa de meia, proseguindo na róta á procura de Bernardo. Mais adiante, á margem do Massangana, embarcou em uma canôa, acompanhado da menor Francisca e dos seringueiros que o auxiliavam na diligencia.

A embarcação fez-se ao largo, indo atracar mais acima, num trecho solitario do rio, onde encontraram Bernardo, sua mulher Izabel Maria das Neves e uma filha de nome Maria de Nazareth, de doze annos de idade. Esses infelizes achavam-se no barranco, em deploravel estado de miseria e de nudez.

O sr. Erasmo inqueriu sobre o que havia acontecido, e, Bernardo, ainda um pouco confuso e acabrunhado, contou que navegava nas proximidades do logar «Santa Rosa», quando, ao dobrar uma curva, a canôa alagou e desappareceu na voragem das aguas, não sabendo da sorte que tiveram os seus filhos José, Raymundo e Francisca, pois conseguira salvar apenas a esposa e uma filha de nome Maria de Nazareth.

A estas palavras, Erasmo observou: — «A Francisca está salva. Trago-a aqui na canôa». Em seguida narrou o que se passara no igapó, sendo o relato interrompido, por vezes, péla creancinha, que murmurava alegremente: — «Papae, eu falei com um velhinho no igapó».

Após varias scenas tocantes, que se deram nesse intervallo, entre a menor e os seus genitores, a canôa deixou o local, levando a seu bordo todos os naufragos.

Fizeram, então, demorada pesquiza pelos reconcavos do rio e, como não encontrassem os outros dois menores, victimas da fatalidade, volveram á Cachoeira do Samuel, onde Bernardo passou a residir com sua familia, empregando-se em um sitio do coronel Henrique Castro.

Mezes depois, visitando a familia do coronel Moysés Marinho, que mora na fazenda «Bella Vista», á margem da cachoeira, Bernardo e familia se detiveram na sala do barracão central, a palestrar com algumas pessôas, relatando amargamente aquelle triste episodio em que a morte ceifara os dois filhinhos.

Num dado momento, vendo numa das paredes da sala o retrato de São Francisco das Chagas, a menor Francisca virou-se para a sua genitora e, apontando para o quadro, com o dedo indicador, articulou ingenuamente: — «Olha, mamãe, lá está o velhinho que estava falando commigo no igapó».

Houve, porisso, um breve momento de estupefacção, tendo Bernardo observado aos presentes, nesse interim, que a sua fi-

lha tinha ao pescoço uma pequena medalha de São Francisco, quando se salvara do sinistro do Massangana.

Compenetraram-se todos de que, no caso, houve um milagre. Francisca fôra salva pelo santo e com a visão d'elle estivera em palestra no igapó.

O facto que acabo de narrar foi-me relatado pelo genitor da menor Francisca, que esteve commigo na Cachoeira do Samuel, acompanhado da infante.

Os habitantes desse povoado, impressionados com o caso, deram a uma das ruas o nome de São Francisco.

A menor Francisca é de côr morena, cabellos crespos, rosto oval, revelando no olhar uma vivacidade que encanta.

O dr. Aristoteles Granjeiro tirou-lhe o retrato n'aquelle povoado.

Em virtude da sua tenra idade, Francisca não sabe explicar o modo por que conseguiu safar-se do naufragio e chegar ao mysterioso igapó, que dista mais de uma hora de viagem do local do sinistro.

RIO NEGRO

As maravilhas naturaes da região. — A villa de Moura e o seu estado de decadencia. — O rio Jauapery. — Reminiscencias historicas.

I

Foi com a mais viva anciedade que, subindo a immensa esteira do Rio Negro, através de longos paranás, rendilhados de ilhas e ilhotas, deparei, á primeira vista, com o panorama da villa de Moura.

Mirando-a de longe e lobrigando os coqueiraes altaneiros que se estendem pela margem, como pontos isolados, tive a idéa de alguma coisa attrahente. Era possivel que, nessa villa, primitiva aldeia dos carahiahis», missionada pelos carmelitas, encontrasse vestigios de um desenvolvimento não muito remoto, em que se chegou a incrementar a industria, fundando alli uma fabrica de tecidos.

Mas a minha illusão foi ephemera. Saltando em Moura, á plena luz do dia, fiquei devéras contristado com o seu aspecto, vendo uma localidade que desapparece nas sombras da decadencia.

Situada á margem direita do rio Negro, numa faixa dominante de terra que se alonga em forma curvelinea, o seu aspecto é monotono e triste como a miragem das aguas que se esbatem na orla ribeirinha, contornada por enormes pedregulhos.

As habitações da villa são verdadeiros pardieiros de taipa que se esborôam com a acção do tempo. Das dezenove casas, que lá existem, destaca-se apenas a de residencia da familia do dr. Arthur Passo, juiz de direito da comarca. A casa, que serve de capella, nada mais é que um recinto quadrilaterado de paredes velhas, cuja porta principal, na falta de fechadura, é protegida por um espeque. No interior desse templo, improvisaram um altar, collocando no cimo, além de outras imagens, a da padroeira Santa Rita de Cassia, que, embora sem arte, representa uma reliquia do passado. Em frente á capella, ao ar livre, vi um pezado lenho com as extremidades repousadas em duas

bazes de tijolos. Desse madeiro pende o sino do templo, á pequena altura do solo, isto é, ao alcance de qualquer pessôa.

Foi dolorosa a impressão que recebi na minha revista ás construcções de Moura, sabendo que essa villa, em outros tempos, possuira uma linda igreja e outros edificios recommendaveis, como o chamado «Sobradinho», erguido á margem do rio, do qual existem hoje apenas os destroços. Mostrando-me as ruinas desse proprio, o major Euclydes Nazareth relatou que, em 1861, elle servira de abrigo ao saudoso poeta Gonçalves Dias, quando, na sua viagem de inspecção aos estabelecimentos de ensino do alto rio Negro, a bordo do aviso de guerra «Pirajá», alli se detivera por alguns dias.

Das ruinas de outros edificios tradiccionaes nada mais pude vêr, porque foram recatadas pelo denso mattagal, que prolifera na villa. Todavia, saciei em parte a minha curiosidade, apreciando, na margem do rio, os blocos de granito roseo e rôxo que alli jazem no esquecimento dos seculos, alguns lavrados de symbolos prehistoricos, que denotam a passagem de uma civilisação distante.

Que direi, agora, da condição dos poucos habitantes de Moura? E' um assumpto que me consterna a alma, porque vi alli um povo captivante no seu acolhimento e resignado na sua sorte, a soffrer, de braços cruzados, as inclemencias da miseria e de outros males que o affligem, notadamente o paludismo.

Não ha mercado na villa, não se encontra uma unica pharmacia, não existe nenhum estabelecimento commercial. Os proprios negociantes, que fazem o commercio ambulante, raramente apparecem alli com os seus batelões e, quando isto acontece, a demora é de pouco tempo, porque os freguezes, na sua quasi totalidade, não dispõem de recursos para adquirir mercadorias. Outros, menos infelizes, compram generos a credito, em Manáos, recebendo-os pelos navios da «Amazon River». Mas acontece que esses vapores fazem apenas uma viagem mensal, até Moura, de modo que, quando alli aportam, não mais existe na casa do consumidor a minima provisão de bocca.

E' uma lastima dizer-se que ha dias em que os habitantes pobres se alimentam apenas de mingáos de farinha ou de laranja, sendo esta a unica fructa que lá se encontra em abundancia.

Disseram-me que é praxe dos moradores zelar pelas laranjeiras que se estendem nas ruas e nos quintaes das casas, porque esta arvore, com o seu aroma, neutraliza as intemperies do clima.

Não sei, todavia, por que os habitantes descuram da agricultura, sabendo que o solo é productivo. Com excepção

do major Nazareth, uma ou outra pessôa possue um sitio com plantações de cereaes. E' claro que me refiro apenas aos moradores da villa, porque, em outros pontos do municipio, notamente á margem dos lagos e paranás, notei a existencia de muitas roças.

O que mais me admira é haver tanta miseria em Moura. ficando a villa á pequena distancia da fóz do Rio Branco e quasi defronte da bocca do rio Jauapery—a arteria mais piscosa do municipio, em cujas margens tambem abundam caças variadas.

E' uma lastima! E as autoridades da villa são as que mais soffrem os effeitos desse mal, porque, se adquirem a muito custo as suas provisões em Manáos, se vêm forçadas, pelos sentimentos de piedade, a mitigar a fome dos mais necessitados.

O actual superintendente do municipio, major João Tobias Barbosa de Amorim, logo que assumiu o exercicio de seu cargo, mandou reparar o exquisito predio da Intendencia Municipal e bater uma parte do mattagal da villa, restabelecendo tambem alguns fócos da antiga illuminação, á kerozene, que desapparecera com a crise dos cofres municipaes. Houve festas e elle congregou n'aquelle predio, durante alguns dias, muitos habitantes da villa e das adjacencias, incitando-os com ardor a cuidar da sorte do municipio, no restabelecimento das suas fontes de riqueza. Mas a idéa, embora acolhida com applausos, depressa foi olvidada, e os municipes continuaram no mesmo estado de inercia.

O major Nazareth, que é um dos principaes vultos do municipio, contou-me alguns episodios dessa terra tradiccional, observando que, havia longos annos, quando em visita á villa, um sacerdote ficara consternado com as necessidade da vida local, deixando escapar dos labios esta phrase: — «Bella Moura! Bella Moura! mas eu aqui não fico...»

E o major Nazareth apostrophou: — «Mas eu ficarei, na convicção de que nem tudo está perdido».

Moura foi elevada á categoria de villa em 1758, no governo de Mendonça Furtado, perdendo esse predicamento em 1833, quando recebeu o nome de Itarendaua. Mas, depois, recobrou os seus direitos, conservando o nome por que é hoje conhecida.

Antes da sua primeira elevação á categoria de villa, recebera o nome de Pedreira, sendo visitada, nesse tempo, pelo sabio Agassis e sua esposa.

Causa-me tristeza o estado de decadencia desse municipio, contando elle uma vasta e uberrima região onde abundam preciosos vegetaes e o solo se adapta ao cultivo de arroz, café, algodão, tabaco e outros productos tropicaes.

II

Um dos mais importantes tributarios do rio Negro é o rio Jauapery, em cujas margens vislumbra a opulencia de arvores preciosas, sobretudo a castanheira e a copahibeira.

Em pleno verão é que se póde apreciar a poesia dos seus aspectos naturaes, porque as aguas, baixam e deixam a descoberto as bellas praias onde as tartarugas fazem a sua desovação e as aves esvoaçam, em nuvens multicores, celebrando as pompas ideaes da natureza que desperta.

Na estação invernosa, recebendo os mananciaes de seus affluentes, inclusive o Alalaú e o Amanaú, o rio desce com grande velocidade, através de soutos verdejantes, banhando as extensas ilhas que ataviam o seu dorso e invadindo as margens nos pontos em declive.

O Jauapery alimenta uma infinidade de lagos piscosos e é tambem abundante de tartarugas e de peixes, avultando, nesse conjuncto, o pirarucú, o tambaquy e o peixe-boi.

Desde epocas remotas esse rio é habitado pelos «uaimirys», «atroahys» e outros indios de tribus desconhecidas que nunca tiveram relações commerciaes com gente civilisada e sempre viveram á custa dos seus esforços, nesse emprehendimento da vida isolada em que a lucta do homem contra as inclemencias da sorte se nos afigura a mais sublime expressão da vontade humana.

No emtanto, esses indios só apparecem na historia depois que o elemento civilisado, invadindo as suas terras e tentando submettel-os á escravidão, contra elles sustentou luctas fratricidas, em que os morticinios e as depredações assumiram um aspecto de verdadeira calamidade.

E' claro que, devido á inferioridade de armas, os perseguidos sempre soffreram desproporções de baixas em taes pelejas, mas nunca tiveram o seu heroismo abatido ao mais forte arremesso das hostes sanguinarias.

A primeira expedição, de que se tem noticia, foi chefiada por Manoel Pereira de Vasconcellos, que, em 1856, invadindo aquelle rio, á cata de escravos, inflingiu uma sangreta batida aos heroicos aborigenes, que, ciosos da sua dignidade, souberam repellir com intrepidez a affronta soffrida.

Depois dessa expedição seguiram-se outras não menos inclementes, provocando o desespero e acirrando o odio no espirito dos perseguidos. Disso resultou mais uma prova de altivez dos nossos selvicolas, que, em 1873, á guiza de represalia, atacaram a villa de Moura, occupando-a sem o menor entrave.

Nesse feito, os indios revelaram, mais uma vez, a nobreza

do seu caracter, poupando a vida dos habitantes que, desarmados, buscavam refugio numa ilha que fica á pequena distancia da villa.

Contra o honroso desaggravo, insurgiu-se, porém, o go-

India Maimiry

verno provincial, mandando á villa o coronel Rego Barros Falcão que, munido de tropa e de pezada artilharia, não hesitou em levar a morte e a desolação ao seio d'aquella pobre gente.

O morticinio foi horroroso e, depois d'elle, seguiu-se a sinistra missão do tenente Horta, que, em lanchas especiaes, acompanhado da sua soldadesca, passou todo o anno de 1874 a trucidar os indios no Jauapery.

A situação dos nossos aborigenes reclamava, então, um gesto de piedade, que puzesse tregua a semelhantes horrores. E foi porisso que, em 1884, se fez sentir alli a acção beneme-

rita do naturalista Barbosa Rodrigues, pacificando com cordura os perseguidos e amparando-os na medida das suas forças.

Esta obra humanitaria foi depois despresada pelos poderes publicos, continuando os indios a soffrer o acicate dos seus algozes, que, sempre receiosos da desaffronta, não quizeram localizar-se n'aquella região.

O ultimo episodio sangrento registou-se em 1906. Foi nesse anno que, por ordem do governo, uma força da policia invadiu o Jauapery, sob o commando do capitão Catingueira, aprisionando dezoito indios e chacinando friamente 283, inclusive mulheres e creanças.

A noticia abalou profundamente a nossa capital e não houve um jornal independente que não profligrasse, com desassombro, a representação desse drama hediondo.

Depois, seguiu-se a «via-sacra» dos sobreviventes. Os prisioneiros vieram para Manáos, sujeitos ás mais duras provações

Porto de Mahaua

e acabrunhados á dolorosa recordação do sacrificio dos seus entes que, victimados pelas balas ou pelas bayonetas da policia, jaziam inerte no solo e apodreciam nas mattas, no mais deploravel abandono.

Muita gente os viu nesta capital experimentando o fel amargo da tortura. Ao desmaiar do sol, deixando o quartel da policia, que lhes servia de asylo, alguns desses infelizes chega-

vam até á praça dos Remedios e, estacados á beira do rio, ahi se detinham na soffreguidão de um silencio indeciso, ora mirando o espelho das aguas onde boiava a saudade das suas igarités, ora divagando o olhar na curva do horizonte a espreitar os tons violaceos ou a polychromia dos reverberos solares que improvisavam miragens soberbas á lenta agonia do sol-pôr. Nessa espectativa, a nostalgia da solidão vibrava-lhes na alma, e era com tristeza que evocavam as impressões da maloca onde armaram as suas rêdes e sentiram as caricias de seus filhos, vendo-os, tantas vezes, a brincar ao clarão das fogueiras.

Outros, mais infelizes, eram submettidos ao isolamento da cazerna, transformados em praças de pret e sujeitos á mais rigorosa disciplina, como se ao indio habituado á vida rustica fosse dado essa faculdade brusca de adaptar-se aos costumes da civilisação.

Nessa contingencia dolorosa succumbiram todos os selvicolas e foi commovido que um conceituado clinico desta cidade assistiu á morte de um d'elles na Santa Casa de Misericordia. E' que na agonia extrema, sentindo ainda o calor da recordação, o moribundo erguera a cabeça e cantara uma canção na lingua dos seus ancestraes, mas uma canção que parecia denotar a lembrança de um sol de estio ou a saudade da vida na floresta. Depois, reclinou a fronte sobre o leito e expirou tão calmo e sereno como as ultimas notas de um smorzando final

Campo de pastagem no posto indigena de Tauacuera

de aria. E' que n'aquelle peito moribundo havia o gorgeio de uma ave despojada do ninho onde floresceram os seus amores.

Após a tragedia innominavel de 1906, os indios do Jauapery tiveram os seus momentos de treguas e voltaram a esse socego que lhes é peculiar toda vez que, nos seus dominios, sentem-se immunes das perseguições dos civilisados.

Foi visando a manutenção dessa paz que, em 1911, o illustre escriptor major Alipio Bandeira, então inspector do Serviço de Protecção aos Indios, percorreu diversos pontos do Jauapery, através da floresta, conseguindo pacificar de novo os indios e entrar em relações com elles.

Os beneficos effeitos dessa missão deram em resultado a creação de um posto de protecção no logar Tauacuera, sendo ahi localizados os aborigenes e iniciado o serviço de cultura agricola e construcção de varias barracas.

Mas aconteceu que, com a fundação desse posto, os aventureiros se convenceram de que não havia mais o perigo de morar naquelle rio, e trataram, então, de se estabelecer nas proximidades de Tauacuera, dando logar a que os indios se deslocassem novamente para o centro, difficultando, assim a acção da inspectoria.

Foi por este motivo que o actual inspector de indios resolveu mudar a séde do posto para o logar Mahaua, que se encontra em melhor posição, deixando as bemfeitorias de Tauacuera sob a vigilancia de pessôa idonea.

Com esta medida, estou certo, o inspector não pensa em resolver e sim attenuar o problema de attracção dos indios, visto como a solução só seria convertida em realidade se os invasores deixassem os selvicolas isolados n'quelle rio, por alguns annos, entregues apenas aos cuidados do Serviço de Protecção aos Indios.

Parece-me que, com esta providencia, desappareceriam as prevenções justificaveis dos nossos selvicolas e, dentro de pouco tempo, o rio Jauapery estaria aberto á exploração industrial, podendo então ser habitado, sem receio, pelo elemento civilisado.

RIO SOLIMÕES

Aspectos naturaes da região. — A vida dos habitantes ribeirinhos. — As alagações annuaes. — O reboque de canôas entre Manáos e Manacapurú. — A villa de Manacapurú. — A villa de Coary.

I

Se a opulencia do Amazonas se revela na enormidade dos seus rios caudalosos, o Solimões é, sem duvida, um dos mais importantes contribuintes dessa grandeza fluvial.

No seu curso longo e fatigante, recebendo o liquido de uma infinidade de affluentes, esse rio largo e de aguas barrentas corre através de magnificas terras que deixam resumbrar o viço da sua luxuriante vegetação.

E' pouco abaixo do Xiburena, á pequena distancia do porto de Manáos, que o Solimões, descendo em vertiginosa carreira, se precipita no vasto lençol do rio Negro, dando-se assim o contacto entre essas arterias fluviaes, que mais parecem dois abysmos na tortura de um recontro mysterioso e sublime.

Acima do Xiburena, subindo o caudaloso rio, a gente começa a apreciar os aspectos mais bellos da região, vendo, através de uma vegetação alegre e pouco fechada, os mais formosos especimens de arvores gigantescas.

As margens do Solimões são polvilhadas de pequenas propriedades, quasi todas pertencentes a pobres moradores que, no verão, se entregam aos misteres da cultura agricola, tambem vivendo da caça e da pesca.

Os moradores da zona que se estende de Manacapurú a Manáos, costumam trazer os seus productos para o nosso mercado, transportando-os em canôas accionadas á remo. Mas esta praxe é adoptada apenas na descida, em virtude do auxilio da correnteza do rio, succedendo que, de subida, as canôas são rebocadas pelas lanchas «Maria» e «Oceania», que fazem a linha regular entre esta capital e aquella villa, parando em todos os portos de escala.

As pequenas embarcações são dispostas em filas, a que os catraeiros chamam «rabo de arraia», dando-se ás vezes o caso de algumas se alagarem em viagem, compellidas pelo baloiço

das aguas. Todavia, esse accidente nunca traz consequencias lamentaveis, dada a precisão com que as lanchas param, nos momentos de necessidade, com o fim de se remover o perigo, desalagando a canôa.

As viagens dessas lanchas são quasi sempre rapidas, gastando quatorze horas de subida e seis horas de descida, não havendo, porisso, refeição a bordo para os passageiros, que se contentam em tomar, de vez em quando, uma chicara de café.

No rigorismo do inverno os habitantes das margens do Solimões soffrem as inclemencias da cheia do rio, que alaga as suas barracas e invade as suas roças, produzindo estragos consideraveis. E' nesse periodo que alguns moradores batem a linda plumagem, buscando refugio nos centros, emquanto outros se conservam na zona alagada, dormindo em giráos que são elevados á medida que as aguas crescem.

Em virtude dessas frequentes enxurradas os moradores ribeirinhos ainda não conseguiram incrementar a pecuaria n'aquella zona, aliás dotada de excellentes pastagens, sendo fóra de duvida que numa ou noutra propriedade, encontram-se algumas cabeças de gado vaccum ou lanigero.

O Solimões é um rio piscoso e talvez um dos mais profundos, sendo accossado por temporaes quasi frequentes, que tornam revoltas as suas suas aguas, pondo, ás vezes, em perigo as embarcações que descortinam o seu magestoso estuariô.

II

A villa mais pittoresca do Solimões é a formosa Manacapurú, reclinada á margem esquerda desse rio numa posição pouco dominante, que defronta com a famosa ilha do Marrecão.

A sua principal arteria é a rua Eduardo Ribeiro, que perlonga o barranco fronteiro, ataviada por dois renques paralellos de arvores frondosas. E' nessa via que se nota o movimento da vida local, estendendo-se em filas espaçadas, além de algumas casas de familia, a grande «Serraria Ventura», dos irmãos Zacharias e Fausto Ventura da Conceição; o mercado municipal, o edificio em que funccionam as escolas publicas, o predio da agencia postal, a cargo de D. Suzana Cavalcante; e os estabelecimentos commerciaes «Restauração», de Ventura e Irmão; «Casa Faria», de Raymundo José de Faria e outro sem denominação, de David Essucy.

A «Serraria Ventura» é um estabelecimento industrial de grande importancia, provido de poços artificiaes e machinas modernas accionadas a vapor. A actividade alli se expande em varios ramos da industria, notadamente no preparo de pequenas

embarcações, taboas, esteios, balaustres e outras peças de utilidade no serviço de construcção.

Do interior do edificio até á beira do rio se estendem duas linhas de trilhos Decauville, destinadas ao transporte, por meio de pequenos «wagons», dos materiaes que a firma recebe ou entrega no porto.

Visando sempre o desenvolvimento da industria naquella localidade, os irmãos Ventura montaram ainda, nos fundos da serraria, uma pequena usina dotada de todos os apparelhos e accessorios, iniciando assim, em regular escala, a fabricação de assucar, rapadura, mel e cachaça.

O mercado municipal foi construido pela firma Ventura e Irmão, na administração do Snr. Ignacio de Rezende, ex-superintendente do municipio. E' um edificio de bonito aspecto, na sua bem combinada estructura, sendo as paredes de tijolo e rebocadas a cimento. O interior é provido de bancas especiaes, com pedra marmore, destinadas á venda de carne e peixes, notando-se ainda uma secção distincta, reservada á venda de fructas e outra occupada pelo administrador do logradouro publico. A parte externa do mercado, no flanco direito, conta um pequeno pavilhão para o serviço de quebra e esquartejamento de tartarugas.

O edificio mais notavel da villa é a egreja de Nossa Senhora de Nazareth, situada em plano saliente, no fim da avenida Antonio Bittencourt, que se alonga até a beira do rio.

Elegante no seu aspecto e solido na sua construcção, esse templo é caiado, externamente, de roseo e branco, apresentando no frontespicio uma formosa torre, que se eleva ao centro, tendo no alto tres sinos.

Foi agradavel a impressão que recebi no interior da egreja, notadamente no côro, que é todo de madeira de lei e sustentado por lindas columnas que, simulando marmore, assentam na base do edificio. O altar-mór, localizado em ampla base, ladrilhada a mosaico, deixa transparecer, na singeleza da sua decoração, uma formosa imagem de Nossa Senhora de Nazareth, trabalhada com apurado gosto. Por traz desse altar encontra-se uma pequena sacristia e, nas paredes latteraes do templo, os altares de São Sebastião e São José.

Os ultimos melhoramentos da igreja foram feitos pela firma Ventura e Irmão, em virtude de contracto firmado pela commissão promotora, organisada por d. Irineu Joffily e composta dos srs. coronel Antonio Rodrigues Madeira, presidente; José Arthur Pinto Ribeiro, Antonio José da Costa Lima, Raymundo Faria e Fausto Ventura da Conceição, membros.

Encontrei em Manacapurú duas escolas publicas, sendo

uma do sexo masculino, regida pela normalista d. Josepha Delmira de Souza e outra do sexo feminino, regida pela senhorita Dedita Ribeiro Madeira; uma collectoria federal, a cargo do sr. Diomedes Ferreira de Vasconcellos, sendo escrivão o sr. José Cunha e Silva; outra collectoria estadual, a cargo do sr. Cesario José de Araujo, sendo escrivão o sr. Democrito Pinto Ribeiro, e um cartorio estadual, confiado ao escrivão e tabellião dr. Antonio Barroso.

Na praça Dezeseis de Junho avulta o predio em que funccionam, conjunctamente, a Intendencia Municipal e as autoridades judiciarias, isto é, o juiz de direito da comarca, dr. Anthero Rezende e o promotor publico, dr. Manoel da Rocha Barros.

Magistrado integro e solicito no cumprimento dos seus deveres, o dr. Anthero tem sabido zelar, com incomparavel dedicação, pela bôa marcha dos serviços forenses, promovendo e julgando com presteza os processos que se enquadram na sua alçada. Nas horas vagas é o juiz que sabe aproveitar o tempo em trabalhos rusticos, tendo-se em conta que foi elle proprio quem plantou a mór parte das arvores que actualmente embellezam as ruas e praças da villa.

A delegacia de policia de Manacapurú tem como delegado o tenente-coronel Amancio Clementino Fernandes, outra autoridade que teve a feliz idéa de mandar bater o mattagal e capinar as ruas da villa, sem onerar os cofres municipaes, porque, nesse serviço, foram empregados apenas os presos correccionaes.

As arterias publicas da villa são as ruas Eduardo Ribeiro, Jorge de Moraes, Cinco de Setembro, Monteiro de Souza, São Sebastião e Benedicto Caggy; a avenida Antonio Bittencourt e a praça Dezeseis de Junho.

No fim da rua Jorge de Moraes, arborisada por um renque de «ficus-benjamin», que corre ao centro, existe uma area capinada, onde avultam: de um lado, o cemiterio publico; do outro, um «graund» destinado aos jogos de «foot-ball».

Na minha visita a esse campo santo, protegido na frente por uma pequena amurada, com balaustre de madeira, pude notar os jazigos de Desiderio Ribeiro e Francisco M. de Albuquerque Lima, e as sepulturas, com lapide, de José de Moura Rolim, Francisca Belmira de Souza, Guilhermina Monteiro do Carmo, Marcos Jonas Shocron, Luna Benarosh, Gimol Botbol, Isaac Farache, Alvaro Cesar de Berredo, Rosa A. Ferreira, Francisco Gomes de Menezes, José Augusto da Silva, José Soriano Alves da Silva, Joviniano Gomes de Menezes, José Polycarpo de Souza, Octavio Alves Sevalho e dos meninos Zamith, Raymunda e Marietta, filhos do coronel Antonio Rodrigues Madeira,

As demais sepulturas acham-se abandonadas, não se podendo, em muitas, distinguir as respectivas inscripções.

Na rua Cinco de Setembro encontrei um vistoso predio de alvenaria, onde funccionou uma loja maçonica, achando-se agora incorporado ao patrimonio do Grande Oriente. E' ahi que os habitantes da villa costumam realizar sessões solemnes, bailes, espectaculos e outras diversões sociaes e populares.

E' lisongeiro o estado sanitario de Manacapurú, registrando-se alli um ou outro caso fatal de febre palustre, talvez causado pela vasante das aguas do lago do Mirity, que embelleza um dos pontos mais pittorescos da localidade.

Vi, no aspecto physionomico dos habitantes da villa, o testemunho de um povo que gosa de relativa saúde e vive satisfeito com as condições da vida local.

Os generos de primeira necessidade são vendidos alli por preços mais ou menos razoaveis, comprando-se o kilo de carne a 1$300, uma enfiada de peixes a 2$000; um quarto de tartaruga a 2$000 ou 2$500; o kilo de feijão a 1$200; o kilo de arroz a $800 e o litro de farinha a $200.

Os moradores da villa vão cêdo ao mercado, de modo que, ás seis horas, já não se encontra alli um unico genero de consumo.

E'-me opportuno observar que as senhorinhas da localidade sabem aproveitar o tempo precioso, fazendo da fibra do timbó-assú bellos chapéos, centros de meza, fructeiras, porta-joias e outros objectos tecidos com arte e esmero. Em casa do major José Arthur Pinto Ribeiro e do coronel José Rodrigues Madeira, superintendente municipal, vi curiosos trabalhos que, em qualquer exposição publica, mereceriam o apreço dos que sabem avaliar a engenhosidade da industria nacional.

Não posso encerrar as minhas impressões sem o registro de uma nota triste. Aconteceu que, na minha recente estadia em Manacapurú, encontrei-me com o artista Manoel Videira Braga, filho do saudoso portuguez José Videira Braga, que, nos tempos aureos, muito contribuiu para o progresso de Manáos, fazendo construcções de vulto que ainda dão testemunho da sua passagem pela nossa capital.

O artista Videira havia chegado áquella villa sem recursos e quasi maltrapilho, passando as mais duras provações com a sua mulher e dois filhinhos, que tambem se achavam em triste estado de indigencia.

Foi, pois, nessa dolorosa contingencia que a população da villa o recebeu, promovendo em seu beneficio alguns espectaculos, nos quaes, trajado de «clown», na falta de outro vestua-

rio, elle exhibiu-se com os seus numeros de variedade, inclusivé trabalhos de prestidigitação.

O resultado desses espectaculos foi quasi nullo, de modo que, sujeito á fome e á nudez, o infeliz artista não teve outro remedio senão deixar aquella villa com destino á Manáos, embarcando em uma canôa, acompanhado da familia, porque não dispunha de recursos para tomar passagem em qualquer embarcação á vapor.

Vi-o em Manacapurú quasi debulhado em lagrimas, contando que, na aurora da juventude, fôra alumno do antigo Seminario Episcopal, dirigido por monsenhor Luiz Gonzaga de Oliveira, mas succedeu que, com a morte de seu pae e protector, vira-se forçado a abandonar os estudos, perdendo assim o calor da sua aspiração.

Havia quatro annos, Videira organisou uma «troupe» com o artista Delphim de Souza Coelho e fez uma bôa temporada em Iquitos, ganhando cerca de dezoito contos de réis. Mas aconteceu que, sempre caipora nos seus designios, depressa gastou parte dessa importancia e, baixando para Manáos, quasi perde a propria vida, porisso que o batelão em que viajava afundou-se um pouco acima de Fonte-Bôa. Nesse naufragio, perdeu o resto das economias, bem como os vestuarios e materiaes da troupe, safando-se com a familia, apenas com a roupa que vestia na occasião.

Fiquei devéras contristado com a odysséa desse pobre artista e confesso que a ouvi de seus proprios labios através de lagrimas e soluços que deixavam patente a tortura daquella alma disciplinada na escola do soffrimento.

III

A impressão de uma visita a Coary em nada suggestiona o espirito do observador.

Situada em terreno pouco elevado, á margem direita do Solimões, a villa é cortada, na frente, por um pequeno braço fluvial, que, avançando alguns metros, tenta dividil-a em dois bairros.

Torna-se desolador o aspecto geral da localidade, vendo-se as ruas invadidas pelo mattagal viçoso e o sólo crivado de enormes poças, onde as enxurradas se chocam, por falta de escoadouros.

O terreno da villa é accidentado, e as edificações, na sua maioria, nada mais são que velhos cazebres de taipa a evidenciar a miseria e o abandono.

O pouco numero de habitações recommendaveis, algumas

assoalhadas e outras com o chão cimentado, demora nas ruas Silverio Nery, Quinze de Novembro e Independencia e na praça Coronel Gaudencio. Mas, os edificios mais notaveis, são o da intendencia municipal, reformado ultimamente, e a igreja de São Sebastião, no centro da praça do mesmo nome. Esse templo, de estylo pouco elegante, foi construido a tijolo e cimento e offerece magnifica impressão nas suas dependencias internas, sendo o ladrilho todo de mosaico. Do recinto principal parte uma bella escada de caracol, pondo-o em communicação com o côro e, dahi, por meio de outra escada, com a unica torre existente no frontespicio da nave.

As obras do templo ainda não foram concluidas, achando-se á frente desse emprehendimento uma commissão zeladora chefiada pelo coronel Francisco José Pereira de Carvalho.

Trabalhando pela conservação da igreja, o sacristão tem o cuidado de fazer repicar o sino todas as manhãs de domingo ou dias feriados, chamando os romeiros ao serviço de capinação e asseio da praça, onde o mattagal prolifera, continuamente, transformando-a em campo de pastagem dos animaes que vivem á solta.

O commercio local compõe-se do elemento syrio, contando-se as casas «Nova Syria», de Moraes e Addad; «Novo Mundo», de Miguel e Irmão e as mercearias de David Antonio, Miguel Jorge, Antonio Litaiff, Camillo José e Abrahim Azulay. Os preços dos generos de primeira necessidade são os seguintes: 1/4 de tartaruga, 1$500; 1 kilo de pirarucú fresco, 1$000; uma cambada de peixe, de $500 a 1$000; 1 kilo de farinha, $500; 1 kilo de feijão, $600; u'a mão de milho, $700; ovos, a $100. Os artigos de moda são vendidos por preços razoaveis.

Possue a villa uma delegacia de policia, de que é delegado o tenente Pedro Ferreira de Souza; uma agencia postal, bem organisada e dirigida pelo coronel Francisco Carvalho e uma collectoria estadual, a cargo do sr. João Baptista de Carvalho, notando-se nesta completa falta de sellos e de papel sellado.

A instrucção local tem tomado algum incremento com o funccionamento de uma escola particular, mantida e regida pelo professor Benedicto Edelberto de Góes; da escola mixta estadual, dirigida pela normalista Cesarina Ponce de Leão e da escola mixta municipal, regida pela professora dona Maria Guimarães Pinheiro. As aulas do professor Edelberto funccionam com doze alumnos, e mais elle não recebe, porque a sala da casa em que mora não comporta maior numero.

O chefe politico da localidade é o coronel Lucas Pinheiro, que, a contento da população, exerce as funcções de superintendente municipal e acompanha a politica dominante, sendo a

opposição chefiada pelo major Deolindo Dantas. Outros politicos ,situacionistas, divergentes, seguem a orientação politica do dr. Virgilio de Barros, que prestou relevantes serviços á localidade, tendo até mantido, quando superintendente, um bom serviço de illuminação publica, que hoje não existe.

O clima do municipio, como o de todo o valle do Amazonas, é quente e humido, sendo de trinta e seis gráos a sua maior temperatura. Chove alli de modo irregular e com abundancia, excepto nos mezes de julho e agosto.

Os principaes males, que affectam a saúde da população, são as feridas bravas, a verminose, o paludismo e as febres catarrhaes.

No emtanto, não existe alli nenhum medico, tampouco pharmacia. Nos transes mais dolorosos, os doentes são amparados pelo pharmaceutico Benedicto Edelberto de Góes, que, valendo-se de seus preparados medicinaes e de outros remedios adquiridos com grandes sacrificios, não tem poupado esforços em combater as enfermidades, livrando muitos infelizes das garras da fatalidade.

Ultimamente, esse abnegado descobriu um unguento de grande efficacia no combate ás feridas bravas, assim como um collirio de effeitos positivos no tratamento de molestias dos olhos.

Na falta de productos pharmaceuticos, o professor Edelberto recorre aos remedios homeopaticos e até mesmo ás dosagens caseiras, applicando continuamente cozimentos de gervão como sudorifico prompto e seguro no tratamento de defluxos e cozimento de alfavaca como palliativo ás bronchites e febres catarrhaes.

Não exige nenhum recurso pecuniario dos seus clientes e contenta-se em viver naquella villa com a sua familia quasi á mingua, envergonhado da sua pobresa, mas sempre orgulhoso do seu caracter de homem honesto e laborioso.

Vem a pêlo salientar que a villa de Coary é farta de peixes e tartarugas, mas não possue mercado. Os generos são vendidos no porto ou nas ruas pelos caboclos que chegam dos logares adjacentes.

A população da villa não passa actualmente de cento e vinte habitantes, quando antigamente ascendia a um numero consideravel, acontecendo que muitos habitantes, em certas épocas do anno, moravam em canôas fundeadas no porto.

As unicas embarcações, que trafegam, normalmente, no municipio, são as lanchas «Fausto», do coronel Lucas Pinheiro; «Alvorada», do major Deolindo Dantas; «Carlos Alberto», de José Joaquim de Souza e «Macambira», de Pedro Nolasco de

Mello. Percorrem continuamente os logares ribeirinhos, onde os seus proprietarios fazem o commercio de regatão, comprando castanha, pirarucú, tartarugas e fructas em troca de outros generos.

As principaes producções do municipio são a castanha e a borracha, as quaes têm minorado, de algum modo, a sorte dos seus habitantes.

Numa viagem, que fiz da villa ao lago Cajuiry, onde existe a antiga aldeia dos indios «Miranhas», pude contar as seguintes propriedades ribeirinhas: «Travessia do Coary», de Emilio Nunes; «Esperança», de Samuel Gonçalves da Silva; «Paraiso», dos herdeiros de José Marques de Souza; «Cantagallo», de José Azulay; «Santa Rosa», de José Ignacio; «Cassiporé», de Thomaz Montenegro; «São Paulo», do dr. Anisio Jubim; «Porto Alegre», de Candido de Lima; «Casa Branca», de José Cohen; «Engenho», de Francisco Costa e Theophilo Monteiro de Aguiar; «Floresta», de Anastacio Marques.

No lago do Coary, entre outras, contam-se «Bom-an», de Isidoro do Carmo; «Patauá», e «Alveolos», (antiga freguezia de Coary), do major Deolindo Dantas.

Na propriedade do dr. Jubim vi alguns especimens de gado bovino, aves domesticas e um bem cuidado jardim onde ha flores e trepadeiras de varios matizes.

Coleção

AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de Cultura